



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**ADRIANNE GONÇALVES CARVALHO**

**O APEGO TELÚRICO NA POESIA CABO-VERDIANA: PAISAGEM, EXÍLIO E  
DIÁSPORA EM JORGE BARBOSA E OVÍDIO MARTINS**

São Luís

2023

ADRIANNE GONÇALVES CARVALHO

**O APEGO TELÚRICO NA POESIA CABO-VERDIANA: PAISAGEM, EXÍLIO E  
DIÁSPORA EM JORGE BARBOSA E OVÍDIO MARTINS**

Dissertação de mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Federal do Maranhão.

Linha de Pesquisa: Estudos Teóricos e  
Críticos em Literatura.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Manir  
Miguel Feitosa.

São Luís

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Gonçalves Carvalho, Adrienne.

O APEGO TELÚRICO NA POESIA CABO-VERDIANA: PAISAGEM,  
EXÍLIO E DIÁSPORA EM JORGE BARBOSA E OVÍDIO MARTINS /  
Adrienne Gonçalves Carvalho. - 2023.

89 p.

Orientador(a): Márcia Manir Miguel Feitosa.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em  
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,  
2023.

1. Exílio. 2. Jorge Barbosa. 3. Ovídio Martins. 4.  
Paisagem. 5. Poesia cabo-verdiana. I. Miguel Feitosa,  
Márcia Manir. II. Título.

ADRIANNE GONÇALVES CARVALHO

**O APEGO TELÚRICO NA POESIA CABO-VERDIANA: PAISAGEM, EXÍLIO E  
DIÁSPORA EM JORGE BARBOSA E OVÍDIO MARTINS**

Dissertação de mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Manir  
Miguel Feitosa.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Manir Miguel Feitosa.  
PGLetras/UFMA  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aracy Bonfim Serra Pinto  
PGLetras/UFMA  
Membro interno

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Leticia Gonçalves Moraes  
PGCULT/UFMA  
Membro externo

*Nem navio nem sombra de nuvem no mar  
para um adeus de largada...*

*Esta saudade infinita  
é uma ilusão que se disfarça.*

*Grita  
que a dor passa!*

*- Saudade é voz ancorada...*

*(Manuel Lopes)*

## **AGRADECIMENTOS**

À Arlete, minha mãe, minha fonte inesgotável de amor e força. Quem acreditou em mim, mesmo quando eu duvidava. Suas palavras de encorajamento, seus abraços calorosos e sua determinação em me ver prosperar são o alicerce do meu sucesso. Sua dedicação e sacrifício não têm preço, e esta dissertação é uma homenagem ao seu amor incondicional. Obrigada, mãe, por ser minha luz e minha guia.

Ao meu amor e companheiro, Gabriel, minha âncora e meu porto seguro. Sua paciência, compreensão e apoio constantes foram fundamentais para que eu pudesse enfrentar os desafios deste mestrado. Suas palavras de encorajamento nos momentos difíceis e suas comemorações nos momentos de sucesso fizeram desta jornada uma experiência significativa e única. Obrigada por ser meu parceiro inabalável e por compartilhar comigo cada passo desta jornada chamada vida.

À Professora Márcia Manir, minha orientadora e mentora, minha gratidão não conhece limites. Sua sabedoria, orientação e dedicação à excelência acadêmica foram fundamentais para o desfecho desta dissertação. Sua paciência e incentivo me ajudaram a crescer como pesquisadora e como pessoa. Obrigada por seu compromisso incansável com meu crescimento intelectual e profissional.

À Luiza, minha verdadeira definição de amizade. Suas conversas inspiradoras, seu apoio incansável e sua presença constante tornaram esta jornada mais leve e significativa. Sua amizade é um tesouro inestimável que guardo no coração. Obrigada por estar ao meu lado, não apenas como amiga, mas como irmã.

À Gianna, Mylena, Renata, Vivian, Enzo e Layane, cada um de vocês trouxe cor e alegria aos meus dias de estudo e pesquisa. Suas risadas, nossa troca de conhecimento e nossas aventuras tornaram essa jornada mais divertida e memorável. Obrigada por serem parte da minha vida e por compartilharem comigo as alegrias e os desafios desta jornada acadêmica.

A todos que me ajudaram e fortaleceram de alguma forma durante esses anos, meu muito obrigada, esta obra é uma maneira singela de expressar minha gratidão e apreço. Vocês são os pilares que me sustentaram, e espero que este trabalho possa refletir a profundidade de minha gratidão. Mais uma vez, obrigada!

## RESUMO

A pesquisa aqui proposta tem como objetivo central a análise de alguns poemas das obras cabo-verdianas *Arquipélago* (1936), de Jorge Barbosa, e *Caminhada* (1963), de Ovídio Martins. Essa análise será conduzida a partir das lentes da Geografia Humanista Cultural, em conjunto com as teorias sobre exílio, diáspora e paisagem. Por meio dessa abordagem interdisciplinar entre Literatura e Geografia, pretende-se explorar de que forma as experiências do exílio e da diáspora afetam as vivências dos diferentes eu líricos presentes nos poemas selecionados. O exílio e a diáspora são fenômenos complexos que têm um impacto profundo na identidade e na experiência do indivíduo. Nesse contexto, a pesquisa se embasa nas contribuições teóricas de Edward Said (2006) e Alain Nouss (2016), que abordam esses temas sob diferentes perspectivas. No que diz respeito à perspectiva da paisagem, a pesquisa se fundamenta em autores como Éric Dardel (2011) e Yi-Fu Tuan (2013). A escolha das obras de Jorge Barbosa e Ovídio Martins, ambos escritores cabo-verdianos, é significativa, uma vez que Cabo Verde é um país marcado por experiências de exílio e diáspora ao longo de sua história. Esses poetas, por meio de seus versos, oferecem percepções valiosas sobre as complexas dinâmicas da identidade e da vivência do espaço em um contexto de deslocamento e dispersão. Dessa forma, este estudo busca contribuir para o entendimento das relações entre Literatura, Geografia e experiência humana, lançando luz sobre como as experiências do exílio e da diáspora são representadas e vivenciadas por meio da poesia. Além disso, ele promove uma discussão interdisciplinar que enriquece o campo de estudos da Geografia Humanista Cultural e da Literatura Africana, contando com referências importantes como Laranjeira (1995) e Caputo (2006), que também se dedicaram ao estudo dessa temática e à compreensão das complexas relações entre espaço, identidade e Literatura.

**Palavras-chave:** Exílio. Jorge Barbosa. Ovídio Martins. Paisagem. Poesia cabo-verdiana.

## ABSTRACT

The research proposed here aims at the central analysis of some poems from the Cape Verdean works *Arquipélago* (1936) by Jorge Barbosa and *Caminhada* (1963) by Ovídio Martins. This analysis will be conducted through the lens of Cultural Humanistic Geography, along with theories of exile, diaspora, and landscape. Through this interdisciplinary approach between Literature and Geography, the goal is to explore how the experiences of exile and diaspora affect the experiences of the different lyrical selves present in the selected poems. Exile and diaspora are complex phenomena that profoundly impact an individual's identity and experience. In this context, the research is grounded in the theoretical contributions of Edward Said (2006) and Alain Nougès (2016), who address these themes from different perspectives. Regarding the perspective of landscape, the research draws on authors such as Éric Dardel (2011) and Yi-Fu Tuan (2013). The choice of the works of Jorge Barbosa and Ovídio Martins, both Cape Verdean writers, is significant, as Cape Verde is a country marked by experiences of exile and diaspora throughout its history. These poets, through their verses, offer valuable insights into the complex dynamics of identity and the experience of space in a context of displacement and dispersion. Thus, this research seeks to contribute to the understanding of the relationships between literature, geography, and human experience, shedding light on how the experiences of exile and diaspora are represented and experienced through poetry. Furthermore, it promotes an interdisciplinary discussion that enriches the field of cultural humanistic geography and African literature studies, drawing on important references such as Laranjeira (1995) and Caputo (2006), who also dedicated themselves to the study of African literature and the understanding of the complex relationships between space, identity, and literature.

**Keywords:** Exile. Portuguese-speaking African Literature. Landscape. Cape-verdean poetry.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 A LITERATURA CABO-VERDIANA E PROCESSOS DE DESLOCAMENTO .....</b>	<b>16</b>
<b>3 PAISAGEM, EXÍLIO E DIÁSPORA: ABORDAGEM CONCEITUAL .....</b>	<b>21</b>
3.1 A geograficidade da paisagem pela Geografia Humanista Cultural.....	21
3.1.1 O homem, a terra e sua revolução no pensar: o início dos pressupostos Dardelianos .....	24
3.1.2 O apego à terra: a visão de Yi-Fu Tuan no tocante à relação homem-terra .....	26
3.2 Reflexões sobre o exílio.....	31
3.3 Sendas diaspóricas .....	40
<b>4 “O LUGAR QUE NÃO É MEU”: REPRESENTAÇÕES POÉTICAS .....</b>	<b>46</b>
4.1 Jorge Barbosa e o exílio nostálgico .....	46
4.1.1 O Itinerário do despatriado em Jorge Barbosa.....	49
4.2 O sentimento antievasionista em Ovídio Martins .....	69
4.2.2 Roteiros diaspóricos em Ovídio Martins.....	71
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo o último censo realizado pelo governo cabo-verdiano e divulgado pelo site oficial do país ao final de 2019, Cabo Verde, até o presente momento, contava com uma população estimada de 555.988 pessoas, distribuídas em dez ilhas que, juntas, possuem um quarto do perímetro do menor estado brasileiro, Sergipe. Ao nos depararmos com dados de um país tão pequeno, menor em território e população do que muitas cidades brasileiras, encaramos os reais motivos que levariam uma pesquisa a estar assentada sobre a produção literária desse país, contudo, como diz o dito popular, “tamanho não é documento”.

A literatura de Cabo Verde começou a se agigantar por volta da década de 1930 do século XX, quando os escritos de seus autores chegaram para além do arquipélago africano, com obras que, em busca de uma identidade nacional, vislumbravam catapultar o ilhéu e sua história, suas conquistas e dissabores, para além do oceano Atlântico. Inspirado pela Literatura Brasileira, o cabo-verdiano foi tecendo uma rica literatura que ganhou o mundo, com muitos de seus autores premiados nos circuitos de Literatura de Língua Portuguesa, a exemplo de Germano Almeida, ganhador do Prêmio Camões de 2018. Logo, o mundo descobriu e vem descobrindo uma literatura rica, repleta de vida e de potência que, conquistando cada vez mais espaços, se mostra não apenas bela esteticamente e rica em conteúdo, mas abundante em gana pela vida.

O nosso interesse pela literatura de Cabo Verde nasceu em meados de 2019, durante a produção do trabalho monográfico que visava comparar duas obras literárias de língua portuguesa, *O Quinze*, da cearense Rachel de Queiroz, e *Chuva Braba*, do cabo-verdiano Manuel Lopes. As duas obras, produzidas em períodos semelhantes, abordam a degradação humana provocada pela seca, e apesar de se situarem em cenários tão distantes, cada uma no país de origem de seu respectivo autor, compartilham o mesmo fervor: a denúncia das mazelas sofridas pela população local. Com o desejo de aprofundarmo-nos mais na temática, o entusiasmo pela literatura de Cabo Verde, muito estimulado pelas calorosas discussões do GEPLIT (Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura)<sup>1</sup>, foi criando forma e tamanho e voltando-se para outra ênfase: o exílio.

---

<sup>1</sup> O Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura, conhecido como GEPLIT, é um centro de estudos e pesquisas focado na Literatura e na Paisagem. A coordenação do grupo está a cargo da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>

De acordo com Chaves e Macedo (2006), a poesia cabo-verdiana é marcada por diásporas, fugas, exílio e busca por melhores condições. Essa conjuntura nos chamou atenção desde as primeiras leituras da literatura cabo-verdiana, ao percebermos que, de forma geral, a literatura do país insular, sobretudo a produzida em meados do século XX, gira em torno do dilema entre partir ou não da terra natal. Contudo, apesar de muitos pensamentos serem tecidos a respeito dessa possível fuga, a forma com que distintos autores lidam com essa questão é divergente em graus elevados.

A literatura do país insular é marcada, segundo Laranjeira (1996), principalmente pelo Movimento Claridade. Tal movimento nasceu com a revista *Claridade*, um manifesto artístico e cultural que propôs lutar por uma identidade pátria que, por causa da colonização, andava adormecida. A fim de conquistar o renascer cultural do povo por meio de uma autoestima nacional, as páginas da publicação ganharam todo o continente africano. No entanto, apesar da euforia literária, o contexto do país não caminhava em paralelo com a proposição dos jovens autores.

A terra cabo-verdiana é extremamente castigada por questões climáticas, o país é incessantemente atormentado por longos períodos de seca, os quais, por vezes, podem durar meses ou até mesmo anos, impossibilitando as plantações e vidas humanas de se avolumarem, e esta era a realidade na época da publicação inaugural da *Claridade*. Assim, a condição da estiagem não tardou a ser um tema recorrente nas produções dos escritores claridosos (nome dado aos autores oriundos do Movimento Claridade), levando-os a um verdadeiro paradoxo, pois ora pregavam a libertação e valorização nacional, ora debatiam se a única solução possível para uma vida tão sofrida não seria partir do solo cabo-verdiano.

Dentre os autores deste período, destaca-se Jorge Barbosa. Funcionário público e um dos membros mais importantes do Movimento Claridade, Jorge Vera-Cruz Barbosa nasceu na Ilha de Santiago, Cabo Verde, em 1902, e faleceu em Cova da Piedade, Portugal, em 1971. Optar pelo seu nome para ser um dos poetas com a obra analisada neste trabalho não foi uma escolha difícil, visto que, em sua produção

---

Márcia Manir Miguel Feitosa, que é titular do Departamento de Letras da UFMA. A entrada da autora deste trabalho no grupo ocorreu em 2018, enquanto ainda era uma estudante de graduação e bolsista de iniciação científica. Desde então, os debates e estudos estimulantes proporcionados pelo grupo abriram seus olhos para as numerosas oportunidades de pesquisa no campo da interdisciplinaridade.

poética, este dilema entre ficar e partir é bastante presente, ainda que em determinados momentos seja nítida a predileção pela partida.

Esse exílio desejável vai de encontro aos postulados clássicos que debatem sobre a condição exílica advinda dos estudos de Said (2003, p. 46), que pontua que este estado “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada”. Como pode o eu lírico almejar essa dor? A dor de partir é ainda mais severa do que a permanência na nação cabo-verdiana? Indagações como essas motivaram-nos a optar por uma investigação mais aprofundada da obra *Arquipélago*, publicada inicialmente em 1935.

É natural que, após um movimento artístico, o próximo venha em oposição ao legado e preceitos do que vinham sendo *standard* até então; com o movimento claridoso não foi diferente. A geração seguinte, alcunhada como antievasionista, julgava esse abandono da terra de forma nociva para a libertação do país, que, lembremos, até o momento, se mantinha como uma colônia portuguesa. O nome de maior prestígio do movimento antievasionista foi Ovídio Martins, poeta que concebia a partida para um novo lugar como mais prejudicial do que benéfico, já que, aos seus olhos, isso faria com que a terra natal fosse abandonada à própria sorte e aos quereres do colonizador. Assim, pelo posicionamento tão crítico em relação às produções que seguem a linha de raciocínio do eu lírico de Barbosa, com o intuito de debater e compreender como isso ocorre, a obra de Martins foi eleita para complementar a análise de nosso estudo.

Tanto Jorge Barbosa quando Ovídio Martins constroem seus poemas com base nos sentimentos e sensações despertados pela condição exílica. Contudo, não é possível falar sobre tal condição sem que antes versemos sobre a paisagem, visto que essa é uma das constituintes do que, mais a frente, compreenderemos como exílio e seus desdobramentos.

Em seu livro *O Homem e A Terra: natureza da realidade geográfica*, Éric Dardel (2015, p. 30) comenta que “a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’, que une todos os elementos”. Essa convergência está arraigada ao homem e dela não podemos separá-lo, em especial, em uma análise que prima por deslocamentos espaciais, pois com base na paisagem afigurada pelo eu lírico, poderemos compreender o que a experiência exílica significa para cada um deles. Ao tratarmos das significações do espaço nos

poemas, buscamos embasamento teórico na Geografia Humanista Cultural (GHC<sup>2</sup>), vertente da ciência geográfica de base fenomenológico-existencialista.

A literatura por meio da criação estética prioriza o belo, enquanto a geografia, uma ciência, muitas vezes revestida por um caráter positivista, prioriza um estudo ambiental e social, o que, em uma visão crua, pode parecer imiscível. No entanto, esse distanciamento não passa de uma visão didática que não cabe mais na modernidade. Esta anseia por uma visão mais interdisciplinar, dada a relevância de compreender os conteúdos em sua totalidade e não de forma fragmentada, além da necessidade de ver o mundo por uma lente mais ampla, em que tudo acontece em paralelo e de forma orgânica, já que acontecimentos e estudos não são episódios encurralados em pequenos armários drasticamente separados e que não se conectam em nenhum momento (Freitas, 2017 *apud* Marandola Junior, 2009).

A concatenação de ideias entre literatura e geografia pode ser percebida por um conceito chave nas duas áreas: o espaço. Ainda que não com significados perfeitamente iguais, afinal, cada linha teórica explora seus termos de modo especial, embora gravitem proximamente:

Entre as várias armadilhas virtuais de um texto, o *espaço* pode alcançar estatuto tão importante quanto os outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo, estrutura etc. É bem verdade que, reconheçamos logo, em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, sua importância torna-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante. Uma terceira hipótese ainda, esta bem mais fascinante!, é a de ir-se descobrindo-lhe a *funcionalidade* e *organicidade* gradativamente, uma vez que o escritor soube dissimulá-lo tão bem a ponto de harmonizar-se com os demais elementos narrativos, não lhe concedendo, portanto, nenhuma prioridade. Em resumo: cabe ao leitor descobrir onde se passa uma ação narrativa, quais os ingredientes desse espaço e qual sua eventual função no desenvolvimento do enredo (Dimas, 1987, p. 5-6, grifos do autor).

Com base na citação de Dimas, vemos que a importância do espaço na narrativa é oscilante: em um momento, pode ser vital para a literatura produzida, em outros, pode tornar-se mero coadjuvante. Dessa forma, no intuito de haver uma maior valorização desse ingrediente narrativo, de tempos em tempos desvalorizado, desponta a teoria da recepção, comentada por Luís Alberto Brandão em sua obra *Teorias do Espaço Literário*, de 2013. Segundo o autor, o espaço “passa a ser

---

<sup>2</sup> No decorrer do texto, quando for mencionada a sigla GHC, compreende-se que estamos tratando de um dos nossos principais aportes teóricos, a Geografia Humanista Cultural.

concebido segundo um sistema, simultaneamente cultural e formal, de ‘horizontes de expectativas’, o qual define a variabilidade histórica dos significados espaciais” (Brandão, 2013, p. 32). Sob uma perspectiva que dialoga com a antropologia literária<sup>3</sup>, a interpretação do espaço literário parte de uma interpretação pessoal do homem, ou como Brandão define (2013, p. 34), uma “autointerpretação do homem”.

Partindo destas reflexões e indagações as quais visam, de certa forma, interpretar o homem pelo viés da paisagem, dividimos o nosso trabalho em cinco capítulos além das considerações finais. Seguindo os pensamentos apresentados por esta introdução, temos o capítulo 2, denominado LITERATURA CABO-VERDIANA E PROCESSOS DE DESLOCAMENTO. Este capítulo visa compreender como narrativas com foco em diversos processos migratórios, foco de nosso estudo, tornaram-se um tema tão frutífero para os autores do país insular.

Em nosso terceiro capítulo, intitulado PAISAGEM, EXÍLIO E DIÁSPORA: ABORDAGEM CONCEITUAL, debruçamo-nos sobre os conceitos medulares de nossa análise, paisagem e exílio, ademais da diáspora que, com o aprofundamento de nossos estudos, mostrou-se tão relevante quanto o exílio a depender do poema analisado. Ao trazermos a paisagem à baila, nossa teoria basilar é a Geografia Humanista Cultural, logo, o primeiro subcapítulo desta etapa, sob o título de “A geograficidade da paisagem: uma abordagem pela Geografia Humanista Cultural”, volta-se para a linha temporal da GHC e seus conceitos-chave, os quais se mostram de grande relevância para nossos estudos. Prosseguindo, temos o segundo subcapítulo, “Reflexões sobre o exílio”, no qual trazemos a conceituação clássica deste fenômeno, além de conceituações mais modernas, como a de Alexis Nouss (2016) e Mirian Volpe (2006), que renovam o entendimento de exílio numa perspectiva que provê um diálogo mais frutífero com nossa pesquisa. Por fim, o terceiro subcapítulo versa sobre as diferenças existentes entre exílio e diáspora e como o conceito diaspórico firma-se de forma cada vez mais significativa ao estudarmos os

---

<sup>3</sup> Gregory Bateson (1986), antropólogo, cientista social, linguista e semiólogo inglês, afirma que palavras e ações são desprovidas de quaisquer significados se tiradas de contexto, sejam esses discursos, narrativas ou etnografias. Para ele, narrar simboliza uma viagem, na qual, por cada passagem, várias aldeias são criadas, não importando a distância. Sob essa perspectiva, Ávila (2007, p. 27) comenta os pensamentos advindos dos estudos de Bateson: “Narrar por meio de um olhar antropológico é fazer um percurso que vai do visível ao invisível, até chegar a uma possível compreensão de como algo é aquilo que é, e não uma outra coisa”, preceitos-chave do que compreendemos como antropologia literária.

deslocamentos de África, sobretudo de Cabo Verde. Contamos principalmente com os preceitos de Stuart Hall para fundamentar a análise presente neste subtópico.

Após o estabelecimento de nossos preceitos teóricos, partimos para o quarto e último capítulo - "O LUGAR QUE NÃO É MEU": REPRESENTAÇÕES POÉTICAS -, no qual analisaremos de forma individual os poemas eleitos para nosso estudo. É válido ressaltar que este capítulo contará com dois subcapítulos, visto que percebemos a necessidade de um aprofundamento na vida e obra dos autores estudados: Jorge Barbosa e Ovídio Martins. É necessário pontuarmos que se trata de uma pesquisa inteiramente bibliográfica, na qual os preceitos metodológicos foram assentados sob o *corpus* eleito e o propósito deste estudo é: compreender o papel exercido pela paisagem e pelo exílio na poesia de dois grandes autores cabo-verdianos, Jorge Barbosa e Ovídio Martins, e como suas obras refletem a condição humana em sua essência a partir do pertencimento do homem à terra.

## 2 A LITERATURA CABO-VERDIANA E PROCESSOS DE DESLOCAMENTO

“Deslocamento” é um termo pluralizado e, a depender do contexto, pode adquirir conotações diversas. No campo das ciências exatas, o termo “deslocamento” unirá o ponto de partida ao ponto de chegada. Na Psiquiatria, o deslocamento é um dos mecanismos essenciais para a elaboração dos sonhos, mas e na Literatura? O que seria o deslocamento?

Bernd (2007) comenta que, no âmbito literário, o sentido evocado por deslocamento está estreitamente ligado ao movimento territorial, a uma forma de traslado, que a depender da situação poderá acontecer de forma natural ou imposta:

O que é possível constatar é que, com base no princípio do Movimento, uma série incontável de conceitos se sucedem em tempos de pós-modernidade para tentar analisar a movência de autores, personagens, estilos, passagens temporais, espaciais e discursivas (muitas vezes radicais) que se observam em literatura, todas elas com um sentido positivo, pois se opõem evidentemente ao que é estático, imóvel, fixo, permanente, sólido, inquestionável (Bernd, 2007, p. 89).

Edward Said (2000, p. 119) reconhece que o século XX foi, de forma contundente, “[...] a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa”. Sendo assim, é natural que narrativas sobre deslocamentos migratórios se tornem mais comuns, decorrentes de diferentes motivações. Isto posto, o deslocamento retratado na esfera literária muito se assemelha a uma espécie de metamorfose, pois, a partir dele, há mudanças estruturais seja nos personagens ou na narrativa, impulsionando-os a um novo patamar, concebido como um novo espaço. Bernd (2007) ainda cita inúmeras regiões e países que contam com o deslocamento como força motriz de alguma época da sua história literária, como a Grécia, que em obras como *Odisseia* e *Ilíada* já figuravam o deslocamento como propulsor para mudanças internas significativas em seus personagens. Regiões com grande fluxo de imigrantes como, por exemplo, Quebec, no Canadá, também contam com uma extensa tradição de escritores que priorizam o deslocamento como *leitmotiv* de suas narrativas, a citar os romances *Nikolski* e *Frontières* (2009) ou *Tableaux des Amériques* (1995), ambas obras de Noël Audet e sem tradução oficial para o português, em que a identidade dos personagens é atrelada ao fato de serem itinerantes. Também podemos citar o próprio Brasil, em que uma obra da estirpe de *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, é regida por um personagem principal que sempre está metamorfoseando-

se por causa de extensos deslocamentos. Contudo, como se dá esse processo na literatura cabo-verdiana?

De acordo com os estudos de Laranjeira (1995), a literatura cabo-verdiana está dividida em seis fases bem específicas. A primeira se dá com a sua iniciação, que ocorreu com a publicação de *O escravo*, em 1856, pelo escritor José Evaristo de Almeida, considerado o primeiro romance nativista de Cabo Verde; essa fase se estende até meados de 1925. A obra se insere nos mesmos preceitos estéticos absorvidos pelo período romântico português, de autores como Almeida Garrett, seguindo um apelo estético similar ao de *Suspiros poéticos e saudades* (1836), de Gonçalves de Magalhães. O livro, apesar de timidamente evidenciar o colonialismo e a escravidão, ainda está preso ao modelo estético europeu, de forma que a produção literária acontecia de forma mimética, reproduzindo o que estava em voga em Portugal.

A segunda fase, mais curta, tem duração de 1926 a 1935, e serve como uma prévia do que viria a ser o momento mais marcante da literatura cabo-verdiana: o Movimento Claridade. Reconhecido como a terceira fase literária do país, inicia-se em 1936 e continua firme até o final da década de 1950 e início da década de 1960. Foi um movimento estarrecedor e que, com o passar dos anos, solidificou-se como o antes e o depois da literatura em Cabo Verde. Como vimos anteriormente, a literatura produzida nas ilhas estava em consonância com a literatura criada em Portugal no que tange à estética e temas abordados, desse modo, salvo algumas exceções, o padrão era o europeu. No entanto, com autores como Manuel Lopes, Jorge Barbosa e Baltasar Lopes isso começou a mudar.

O marco inicial desses novos ventos se deu com a fundação da Revista *Claridade*, fundada por esses três nomes. Com sua estreia em março de 1936, foi a primeira vez que, de forma contundente, falou-se em romper com o que já estava estabelecido e dar vida a uma nova forma de produzir literatura, algo que deixasse para trás os preceitos já firmados pela literatura europeia e, a partir de agora, desse voz aos nativos da terra cabo-verdiana. Importante ressaltar que não é um abandono geral dos postulados portugueses, uma vez que, política e economicamente e em todas as esferas da vida social, Cabo Verde ainda estava muito ligado ao país europeu, porém foi um início para que essa independência cultural nascesse e se desenvolvesse:

Tratava-se, no caso dos escritores cabo-verdianos, de voltar-se para o espaço do arquipélago, com a sua realidade humana e cultural: a insularidade, o oceano a perder de vista, os ritmos populares, a mistura étnica (crioulidade), a língua crioula, a seca e a fome, a exploração, a emigração, a falta de empregos e oportunidades. Estes viram-se a um posicionamento entre a aceitação pura e simples da dominação e da imposição, estética e política, de modelos da metrópole ou a 'tomada de consciência', a valorização da realidade regional, humana, enquanto fonte de inspiração para a elaboração literária (Coimbra, 2012, p. 120).

Em seguida, entre 1958 e 1965, ou seja, coexistindo com o movimento claridoso, há o movimento da cabo-verdianidade ou cabo-verdianidade, o qual foi fortemente influenciado pelo movimento negritude, onda de pensamentos que por meio da valorização das raízes culturais africanas visava quebrar com as amarras que os prendiam aos ideais do colonizador: "A proposta era negar a política de assimilação à cultura (conjunto dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e dos valores transmitidos coletivamente) europeia" (Domingues, 2004, p. 30). Assim, é perceptível que seguia a linha de pensamento do movimento anterior, porém, agora, isso ocorria de forma mais profunda, procurando, de fato, uma ruptura com o colonizador.

A penúltima fase da literatura de Cabo Verde, até então, acontece concomitantemente com a eclosão das lutas pela independência nacional, proclamada em 1975; assim, repercute uma literatura cada vez mais engajada em causas sociais e as mazelas procedentes da colonização portuguesa. A última fase, a sexta, exerce o papel de consolidar a voz originária da nação, manter o povo cabo-verdiano como protagonista das suas próprias histórias, tendo seu início em 1983 e conservando-se até os dias atuais.

Nestas fases, com exceção da primeira, a literatura cabo-verdiana cativa a evasão como uma das principais temáticas. Desde a publicação da Revista *Claridade*, houve a necessidade de transformar a produção poética local em algo que evidenciasse o cabo-verdiano e sua terra como protagonistas de sua própria história, logo, temas comuns à vida dos ilhéus precisavam estar em voga. Prontamente, temas como o mar, a diáspora, a corrente contra a diáspora (chamada de antievacionista) e a ligação do ilhéu com a terra-mãe começaram a ser fortemente representados na literatura local.

Os deslocamentos começaram a aparecer na literatura de Cabo Verde de forma muito natural devido à realidade enfrentada pelos habitantes do arquipélago.

Em razão das condições climáticas do país que sofre fortemente com punitivas e duradouras secas, a escassez de água, por vezes, norteia o destino de quem ali vive. Em um país em que a maior fonte de renda advém da agricultura, a falta de água causa danos irreparáveis, o que acaba sendo o propulsor de uma grande cena migratória. Essa realidade interfere em todos os setores da sociedade local, pois modifica não somente a funcionalidade das questões laborais do país, como também a identidade do cidadão cabo-verdiano, que passa a naturalizar a migração como parte da sua persona. Sobre este tema, Évora (2010, p. 4) comenta:

Entre os países africanos atuais, Cabo Verde tem uma das mais importantes comunidades de emigrantes vivendo no estrangeiro em relação à sua população residente e que mais cedo organizou-se como diáspora. Portanto, antecipe a entrada da palavra diáspora no léxico sobre a migração cabo-verdiana que traz consigo grandes expectativas de transferência de competências e recursos para o desenvolvimento do país. Conforme vários autores, muito recentemente é que a maioria dos governos africanos passaram a considerar as diásporas dos seus países como elementos importantes do processo de desenvolvimento e a própria UA adotou a expressão Africano da Diáspora e tem como critério base de adesão dos seus membros o seu compromisso em apoiar o desenvolvimento. Em Cabo Verde, a aproximação às comunidades dispersas é uma medida importante das agendas dos sucessivos governos, e desde a independência, os esforços são para que os emigrantes invistam no país do mesmo modo que tradicionalmente ajudam as suas famílias.

Tal complexidade inerente aos deslocamentos é profundamente explorada pelos autores cabo-verdianos, visto que esses escritores frequentemente examinam como os cabo-verdianos da diáspora negociam sua identidade, equilibrando influências culturais diversas e a conexão com suas raízes, de forma que a busca pelo senso de pertencimento tanto no país de origem quanto nas novas comunidades é uma temática recorrente.

A literatura cabo-verdiana frequentemente lida com a expressão desses sentimentos complexos, explorando, por exemplo, a forma como a saudade pode moldar as perspectivas e as experiências dos cabo-verdianos na diáspora. De outro ponto de vista, muitos escritores retratam a diáspora como uma resposta às condições econômicas e políticas em Cabo Verde, destacando a exploração colonial, a busca por melhores oportunidades e a luta pela independência.

Com a imposição da partida como forma natural de viver, diversos autores deram um olhar díspar à conceitualização do adeus à ilha-mãe, pois, enquanto para determinados pensadores a partida se dá como algo orgânico e natural, ainda que venha carregada de sofrimento, para outros escritores, é concebida como intolerável

e abominável. Portanto, podemos perceber que não foi e não é um tema consensual pelos cabo-verdianos de forma geral. Isso ocorre pelas diferentes formas que a paisagem atravessa os indivíduos a partir de suas singularidades. Para compreendermos como essa aceção da paisagem pode ser tão multiforme e complexa, investigaremos as diversas possibilidades por trás deste conceito geográfico tão valoroso à Literatura.

### 3 PAISAGEM, EXÍLIO E DIÁSPORA: ABORDAGEM CONCEITUAL

#### 3.1 A geograficidade da paisagem pela Geografia Humanista Cultural

Ao pensarmos em geografia, facilmente virá em nossa mente a imagem de uma disciplina escolar, pedras, ambiente, rios ou qualquer conceito que perpassa pelo que entendemos como pertencente à natureza. De modo algum, essa linha de raciocínio está incorreta, no entanto, a palavra “geografia” consegue abarcar em si um significado que extrapola tudo que o senso comum nos apresenta em um momento inicial.

Por ser uma das ciências mais antigas do mundo ocidental, a Geografia tem como berço de seu nascimento a Grécia Antiga, por volta do século IV a.C, em que era denominada por História Natural ou Filosofia Natural. Com uma função inicial pautada em observar o planeta, era, por vezes, confundida com a astronomia, entretanto, durante o caminhar da humanidade, adquiriu novas aplicabilidades, de forma que podemos constatar várias ramificações da geografia ao longo dos séculos, com várias escolas emergindo e ditando uma nova perspectiva do fazer geográfico, como a Escola Alemã, o possibilismo francês, a Geografia Humanista e muitas outras. Para esta dissertação, iremos nos concentrar nas ideias oriundas da Geografia Humanista Cultural especificamente, visto que seus pensamentos são mais harmoniosos com nosso objeto de estudo.

O que conhecemos hoje como Geografia Humanista Cultural, ou em alguns termos, apenas Geografia Humanista, foi embrionada nos anos finais da segunda grande guerra, nos Estados Unidos, onde, com um aumento significativo de cursos e novos alunos, houve uma divisão temática do que seria estudado, fenômeno que chegou até a Geografia, criando a dicotomia Geografia Clássica e Nova Geografia. A Nova Geografia, dentre suas tantas ramificações, ou temáticas, teve seu grande destaque a partir da Geografia Analítica, que por meio da publicação de Schaefer, *Excepcionalismo em Geografia*, de 1953, pôs em xeque a metodologia da Geografia Clássica, que se baseava fortemente nos estudos de Hartshorne.

Richard Hartshorne, geógrafo estadunidense, foi um ávido leitor de outro geógrafo, o alemão Alfred Hettne, inclusive sendo o tradutor de muitas obras do europeu. Segundo Hettne, a geografia não deveria ter como principal preocupação estudar a relação entre o ser humano e o meio, pelo contrário, a geografia deveria ser um estudo com a finalidade de perceber o espaço pelo espaço, analisá-lo dentro de

suas próprias singularidades, afastando-o de quaisquer outros fatores. Assim, seguindo a mesma linha de pensamento, Hartshorne via a geografia como uma ciência que deveria dedicar-se aos estudos que visassem aos muitos prismas da superfície terrestre e à diferenciação das áreas e ambientes, porém, diferente de seu mestre, acreditava que essa diferenciação terrestre tinha um pé nas ações humanas, de forma que, ainda que de maneira sutil, conseguiu integrar um estudo geográfico que visse o ambiente e o homem como seres complementares. No entanto, os postuladores da Geografia Analítica não concordam com os métodos científicos dessa área. Em seus olhos, a geografia devia ser pautada nos princípios básicos do neopositivismo das ciências exatas.

Mesmo efervescendo o cenário das ciências humanas, a Geografia Analítica não avançou como pretendia, o que, como veremos, abriu alas para que a Geografia Humanista pudesse aflorar nesses campos de estudo, porém, mesmo assim, a década de 1960 foi emblemática pelo embate entre essas duas vertentes da geografia, pelo menos durante a primeira metade da década. Em 1965, no Encontro Anual da Association of American Geographers, modernas formas de ver a Geografia vinham se fazendo presentes. A partir de seções temáticas, o que, posteriormente, viria a ser conhecido pela alcunha Geografia da Percepção, agrupou três concepções que não necessariamente dialogavam. Em primeiro lugar, havia a perspectiva de Yi-Fu Tuan e David Lowenthal, que visava unificar os ensaios da psicologia comportamental, da sociologia e filosofia aos propósitos da Geografia Cultural<sup>4</sup> estadunidense. Em segundo lugar, Torsten Hägerstrand se alinhava mais à Geografia Analítica, porém tentando desenvolver novas formas de estudo, e, por último, Gilbert Fowler White, que visava adentrar o rumo de pesquisas voltadas aos desastres naturais.

Essas três perspectivas deram abertura para a formação de dois grupos: condutistas e humanistas. Em relação aos condutistas, fruto das duas últimas

---

<sup>4</sup> Ciência que dialoga fortemente com as ciências sociais, a Geografia Social se sustenta pelos estudos de manifestações diretamente ligadas à cultura, como religião, crenças, modos de trabalho, entre outras formas de expressão cultural. Um dos maiores nomes da geografia mundial, Paul Claval (2007), aponta que a motivação medular da geografia cultural é a integralização homem, sociedade e suas nuances significativas à rotina, o que está fortemente ligado à paisagem, aqui conceituada como paisagem cultural: “A paisagem carrega a marca da cultura e serve-lhe de matriz” (Claval, 2007, p. 12). Logo, os estudos e análises desse campo científico envolvem o homem como agente modificador da natureza: “A cultura que interessa ao geógrafo é, pois, primeiramente constituída pelo conjunto dos artefatos, do *know-how* e dos conhecimentos através dos quais os homens mediatizam suas relações com o meio natural” (Claval, 2007, p. 12, grifos do autor).

perspectivas apontadas, Holzer (2016, p. 21) pontua: “têm como motivação principal a pesquisa de como pensam, creem e sentem as pessoas”, porém, baseado em Claval (1974 apud Holzer, 2016, p. 21), “esses geógrafos estavam preocupados em integrar os fatos da difusão, da percepção e do comportamento a um pensamento originário da economia liberal, tomando emprestado também elementos da psicologia e da sociologia”. Já o grupo denominado como humanistas, derivados das interpretações geográficas de Tuan e Lowenthal, no que lhes concernia, seguiam esse alinhamento, indo além, contudo, visto que clamavam por maior atenção à individualidade humana, ignorando o pensamento positivista encontrado junto aos condutistas e aos geógrafos analíticos. Não é de se estranhar que o final da década de 1960 e meados da década de 1970 tenham sido verdadeiros campos de batalha ideológica no que diz respeito à Geografia.

É necessário lembrar que, em 1965, as ideias de Tuan e Lowenthal já propunham um caminhar lado a lado com a Geografia Cultural, o que com o aprimoramento e desenvolvimento do raciocínio só fez com que fosse se concretizando, de forma que “pode-se concluir que a geografia humanista é herdeira direta e tributária da geografia cultural” (Holzer, 2016, p. 47). Esse legado deve-se muito ao professor Carl Sauer. É difícil falar de geografia cultural sem, em algum momento, levantar o nome do americano. Segundo Claval (2014, p. 39 *apud* Côrrea, 2017, p. 7),

[...] Sauer vê a cultura, primeiramente, como um conjunto de instrumentos e artefatos que permitem ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai além: a cultura é composta por uma associação de plantas e animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torná-lo mais produtivo.

Ou seja, Sauer via a paisagem cultural, matriz de seus trabalhos, como algo que, para existir, dependia do exercício da atividade humana, inclinando-se, assim, a um viés fenomenológico. Esse caráter advindo da fenomenologia se mostra presente em seus estudos de maneira geral, como o realce dado ao habitat, o que, em seus termos, é “a valorização da relação do homem com a paisagem (ambiente)” (Holzer, 2016, p. 40). Os geógrafos humanistas concordavam, e concordam, com Sauer no tocante aos laços entre o homem e a paisagem, diferenciando-se apenas pelo valor dado à experiência, como veremos adiante. Aqui reside a diferença lacônica entre esses dois vieses da geografia.

Enquanto a Geografia Cultural refere-se a um sentimento coletivo, considerando a paisagem cultural como algo global, a humanista separa até os que pertencem ao mesmo grupo, de forma que há uma visão mais singular, voltada ao pessoal, o que está ligado, como falamos anteriormente, à experiência individual de cada um. Tuan (1975, p. 151) versa sobre a experiência da seguinte forma: “um termo abrangente para os vários modos através dos quais uma pessoa conhece seu mundo”.

Compreendida por inúmeras denominações, como nova Geografia Cultural, Geografia Fenomenológica, Geografia da Percepção, Geografia Humanística, Geografia Humanista, ou o vocábulo aqui empregado, Geografia Humanista Cultural (Rocha, 2007), é a ciência que compreende o mundo com base na relação entre o homem e a paisagem, tendo em vista o sentimento telúrico existente entre ambos. Por este viés de estudo, compreende-se que cada pessoa, de forma individual, tem uma relação própria e singular com o mundo, com o ambiente, o que acarreta consequências em seu comportamento, forma de se relacionar o ser e estar no mundo:

[...] os geógrafos humanistas argumentam que sua abordagem merece o rótulo de ‘Humanista’, pois estudam os aspectos do homem que são mais distintamente humanos: significações, valores, metas e propósitos. [...] Da valorização da percepção e das atitudes decorre a preocupação de verificar os gostos, as preferências, as características e as particularidades dos lugares. Valoriza-se também o contexto ambiental e os aspectos que redundam no encanto e na magia dos lugares, na sua personalidade e distinção. Há o entrelaçamento entre o grupo e o lugar (Entrikin, 1980, p.16 *apud* Rocha, 2007, p. 04).

Como visto no tópico anterior, entre os nomes de pioneirismo da GHC estão os autores Yi-Fu Tuan e David Lowenthal, no entanto, antes de seus postulados, ao seguirmos uma ordem cronológica, alguns autores já versavam em consonância com esses dois geógrafos, como é o caso de um geógrafo francês chamado Éric Dardel.

### **3.1.1 O homem, a terra e sua revolução no pensar: o início dos pressupostos Dardelianos**

Éric Dardel, historiador e geógrafo, com atuação no magistério de ambas as disciplinas em liceus franceses, podia não estar fisicamente presente nas acaloradas discussões que permeavam a Geografia Cultural ou a nascente Geografia Humanista durante as décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos, porém sua obra *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, publicada primeiramente em 1952, é

pioneira em trazer uma Geografia com suporte fenomenológico, além de procurar um entendimento integral dos fenômenos telúricos com o homem. Em uma época em que a Geografia valorizava estudos físicos, seu livro ficou empoeirado em estantes e bibliotecas para, com uma nova virada geográfica, ganhar um novo vigor e relevância na área a partir da década de 1980, quando foi “redescoberto”.

Para Besse (1990 *apud* Holzer, 2016), o interesse pela obra de Dardel é completamente compreensível, uma vez que ele amplia a geografia a algo maior que uma simples disciplina, resignificando-a. O tópico mais relevante de sua criação, o conceito de geograficidade, parte da diferenciação entre espaço geométrico, algo mais analítico, para uma geografia moderna, fruto renascentista, e que visa o homem em sua relação com a terra. Assim, a Geografia, nas palavras do próprio Dardel (2011, p. 2), “tem como objetivo esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino”.

Paralelamente ao conceito de geograficidade, Dardel também trabalhou com o de historicidade. De acordo com Freitas (2017), se a historicidade é uma consciência temporal pertencente ao homem, a geograficidade, por sua vez, associa o elemento telúrico à existência do homem, de forma que, como pontuado por Holzer (2016, p. 72), “a geograficidade é esta cumplicidade constante entre a terra e o homem que se realiza na existência humana”, sendo a própria expressão do ser-estar-no-mundo, pensamento herdado de suas possíveis leituras dos filósofos Martin Heidegger e Gaston Bachelard.

Em busca de uma geografia com um teor mais antropológico, Dardel cria divisões da realidade geográfica, o espaço. Desse modo, surgem, dentro de sua obra, conceitos como espaço material, telúrico, aquático, aéreo e o espaço construído que agem de forma distinta sobre a existência humana. Como pontua o francês, “a natureza geográfica o lança sobre si mesmo, dá forma a seus hábitos, suas ideias, às vezes a seus aspectos somáticos” (Dardel, 2011, p. 9).

Segundo ele, o espaço pode ser decomposto em: telúrico, responsável pelas noções de espessura, solidez e plasticidade; aquático, que coloca o espaço em movimento e fixa os limites que o circundam; aéreo, elemento invisível, porém presente, ao mesmo tempo permanente e mutante. O espaço construído também é considerado e, além dele, a paisagem (Holzer, 2011, p. 147).

É importante também ressaltar a grande interferência filosófica no trabalho de Dardel, principalmente do também francês, porém filósofo, Gaston Bachelard. A

análise geográfica de Bachelard assume um viés romântico, quando vê a paisagem quase como um lugar idílico, “onde a poética aparece como a possibilidade de uma vivência sensível e subjetiva do espaço” (Silva, 2015, p. 5), o que fortifica a orientação fenomenológica de seus postulados. Destarte, ao refletirmos sobre as contribuições de Dardel à Geografia Humanista Cultural, constatamos a iniciação de um pensamento que vincula a experiência como o principal caminho para a construção de significados, entrelaçando a experiência humana individual à terra. Ao longo do tempo, outros grandes nomes assomaram os estudos nessa mesma linha de pensamento, como Edward Relph e Anne Buttimer.

Se a ajuda de Dardel para esse novo campo de Geografia aconteceu de forma, ainda que pioneira, inconsciente, a de um outro geógrafo foi muito bem pensada e iniciada com o propósito de uma revolução na área, o caso do sino-americano Yi-Fu Tuan.

### **3.1.2 O apego à terra: a visão de Yi-Fu Tuan no tocante à relação homem-terra**

Um dos maiores, senão o maior, nome da GHC, Yi-Fu Tuan é um dos responsáveis pelo surgimento e consolidação dessa área de estudo, a partir da publicação de inúmeros artigos e livros, dos quais podemos destacar dois em especial: *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1974) e *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (1977). Além de serem suas obras de maior expressão, são, majoritariamente, as que constituirão o aporte teórico neste trabalho, de forma que os conceitos explorados ao longo das análises aqui feitas são, em sua grande maioria, expressões e conceitos trabalhados pelo geógrafo nesses dois volumes.

Na guinada geográfica que proporcionou o despontar da GHC, essas publicações de Tuan foram fundamentais para a solidificação desse campo de estudo. Sua publicação *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, originária do ano de 1974, desenvolve conceitos novos e amplia alguns já criados para um entendimento mais vasto. A própria terminologia que dá nome à publicação é um conceito a ser explorado quando adentrarmos mais profundamente no arcabouço teórico da GHC. Original dos pensamentos de Bachelard, o termo topofilia “é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (Tuan,

2012, p. 135-136). Tuan assinala a importância da experiência<sup>5</sup> humana para a construção desses laços, que emanam de questões que perpassam a afetividade, segurança e amor com a terra, seja esse um ambiente natural ou construído. Com base na percepção topofílica, o autor procura compreender de forma mais eficaz a condição humana.

Ao longo de seus estudos, outros conceitos-chave são desenvolvidos para que haja maior clareza ao lidar com a condição do homem junto à terra e as implicações dessa relação, como a ideia que contrapõe esse elo afetivo estabelecido entre ambos. Em Tuan, essa oposição é estabelecida com base na experiência negativa no tocante a um lugar. No entanto, para que essa ideia fique mais nítida, é necessário, primeiramente, compreender o que Tuan entende por lugar. Espaço e lugar também agregam valores fundamentais quanto aos estudos do geógrafo sino-americano, sendo essas ideias exploradas com maior amplitude na sua publicação *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, publicada em 1977.

Ambos os conceitos se encontram dentro do que entendemos como paisagem<sup>6</sup>, porém com uma diferença não tão sutil. Topofolia e topofobia perpassam pelo viés da experiência, tendo, com base na vivência do indivíduo, um significado único para si, como pontua Tuan ao dizer que “[...] experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (Tuan, 2013, p. 18). As significações englobadas por espaço e lugar são opostas, porém não excludentes, ou seja, ainda que abarquem sentidos divergentes, necessitam de uma convivência harmônica para se estabelecerem.

---

<sup>5</sup> “[...] um termo abrangente para os vários modos através dos quais uma pessoa conhece seu mundo” (Tuan, 1975, p. 151).

<sup>6</sup> O conceito de paisagem aqui utilizado está fincado nos dizeres de Dardel (2011, p. 41) que a conceitua como: “[...] algo mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido. Há uma ligação interna, uma 'impressão', unindo todos os elementos”. Por esse viés, a paisagem se mostra como o ambiente a partir de seu envolvimento e ligação com o homem. Meinig, a partir de suas leituras em Holzer (Cabral, 1999, p. 40 *apud* Holzer, 1992, p. 208), explica a individualidade inerente à paisagem, visto que cada pessoa terá uma experiência única e exclusiva com o ambiente: “Dessa maneira nós confrontamos o problema central: qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde dentro de nossas cabeças [...] nós estamos preocupados não com os elementos, mas com a essência, ideias organizadoras que utilizamos para dar sentido àquilo que vemos”.

Ao perguntarmos em uma rua da cidade a diferença entre espaço e lugar, provavelmente a maioria esmagadora irá conceber essas duas palavras como sinônimos.

No entanto, não é o que Tuan sustenta cientificamente. Como já mencionado, estes dois conceitos não são excludentes, logo, por essa razão, na maior parte das vezes em que aparecem, estão juntos. Prontamente, já na introdução de *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, Tuan (2013, p. 14) conceitua:

Espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locais do espaço. As ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar, estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

Como podemos notar, a diferença é cristalina: enquanto espaço denota um ambiente desprovido de significado emocional, sem aconchego e pertencimento, lugar implica o contrário, é um local que manifesta segurança, bem-estar, comodidade e, acima de tudo, afeto. Porém, é importante ressaltar, assim como assinala o pensador, que ambos os conceitos não são estáveis e imutáveis, pois, a partir da amplitude originária do espaço, cria-se a liberdade que, no entanto, se exacerbada, pode vir a ser nociva, criando um local tão sem amarras que, por fim, se esvai de pertencimento e identificação. Assim, podemos ver o quão individuais esses conceitos são e como, dependendo de cada contexto e pessoa, serão aplicados de formas distintas. Com essa versatilidade de aplicações, há outros dois conceitos muito úteis para uma análise que visa embasar-se na GHC: espaciosidade e apinhamento.

Com a noção de liberdade advinda do espaço, há, como diz Tuan, a ideia de poder-se movimentar, sem sentir-se, literal e metaforicamente, aprisionado. Nas palavras do geógrafo, espaciosidade “[...] está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço, significa ter poder e espaço suficientes em que atuar” (Tuan, 2013, p. 70). Já apinhamento, seguindo a linha dicotômica de Tuan, nos apresenta um pensamento antagônico ao de espaciosidade, uma vez que provoca o aprisionamento, não permite a movimentação, o que vai além de algo físico, alguém pode sentir-se apinhado tanto de forma literal, por exemplo, em

um elevador lotado, como de forma mental e emocional. “O que é apinhamento? Podemos dizer que uma floresta está apinhada de árvores e um quarto está apinhado de bugigangas. Mas são basicamente as pessoas que nos apinham; elas, mais do que as coisas, podem restringir nossa liberdade e nos privar do espaço” (Tuan, 2013, p. 78).

Ao destrincharmos esses conceitos, podemos retornar à pesquisa de Tuan: topofilia, e o seu oposto, a topofobia. O sentimento topofílico permite a transformação de um espaço em lugar, transformação essa paulatina ou não. Um sentimento construído que, com base na segurança e aconchego, permite com que o homem estabeleça esse lado amoroso com a terra, esse sentimento de aconchego e pertencimento à terra, chamado de topofolia. Em oposição, a topofobia, por sua vez, estará mais ligada ao espaço, uma vez que o espaço não oferece os sentimentos de pertencimento e segurança necessários para o sentir-se confortável onde quer que se esteja, o que resulta em sentimentos como medo, ódio, ira, todos em aversão ao espaço (Tuan, 2005).

Após uma explicação resumida, a qual será aprofundada ao longo da análise literária, de alguns conceitos-chave da GHC, a pergunta que talvez possa surgir é: como é possível aplicar esses conceitos e definições geográficas, aparentemente, fixas para uma área tão subjetiva quanto a Literatura? Como é possível estabelecer um diálogo entre essas duas áreas?

Sendo a Geografia Humanista Cultural uma disciplina que enxerga o homem como um ser fruto de suas experiências, e a Literatura, em uma das muitas façanhas que consegue realizar, transmite a experiência individual de cada personagem por meio da narrativa, há, nessa união de saberes, um casamento fértil para a compreensão da existência humana. Entretanto, para que chegássemos a um momento em que esse casamento é bem quisto e agradável aos olhos, um caminho longo teve que ser percorrido.

No primeiro momento de união entre Geografia e Literatura, por volta da década de 1930, o que se pode notar é que os geógrafos viam as obras narrativas como uma fonte material para conhecer o ambiente de forma mais profunda, então usavam, sobretudo, romances regionais ou de viagens para colher informações que melhor descrevessem o ambiente, como se a obra literária fosse um microcosmo do local aludido que fosse capaz de “[...] destacar melhor ‘a personalidade’ de uma região, oferecendo uma síntese, ‘um retrato vivo da unidade do lugar e do povo’, que com

frequência não se faz presente nos textos geográficos” (Gilbert, 1960 e 1972 *apud* Brosseau, 2007, p. 23). Desse pensamento surgiram alguns equívocos, como assinala Brosseau (2007), os autores dos romances regionalistas e dos romances de viagem eram concebidos pelos geógrafos como “mensageiros” do povo descrito, o que, erroneamente, criava a ideia de uma experiência coletiva para uma população específica, além do que o enfoque era bastante superficial, usando as obras narrativas como uma forma de topografia, ou seja, centralizando-se em aspectos visuais, descrições, excluindo a ligação desses locais com o ser humano ali presente.

Porém, com o avanço da Geografia Humanista Cultural, as análises literárias sob a perspectiva do espaço foram desenvolvendo-se e tornando-se, como se espera, mais humanistas, afastando-se desse campo, inicialmente, tão positivista. Em 1978, Tuan já afirmava a possibilidade dessa comunhão, inclusive, pontuou a existência de qualidades literárias nos textos geográficos, como uma análise geográfica oriunda de uma criação literária, ademais de servir como uma fonte de assimilação das características de determinadas regiões, de modo que permite diferentes visões de mundo às pessoas por meio desses “relatos”, sejam esses verdadeiros ou consequências de um uma escrita criativa. Por conseguinte, começou a notabilizar o vínculo experiencial existente entre o homem e a terra, o que deu destaque ao *espaço vivido* (ou imaginário, uma vez que a maioria das obras literárias não tratam a respeito de um relato fidedigno da realidade, de algo que aconteceu), resultado de “[...] valores, representações, intenções, subjetividade, identidade, enraizamento, experiência concreta e percepção” (Brosseau, 2007, p. 29). Contudo, ainda assim, a literatura era vista como uma fonte, um material de suporte, e não como uma força estética, uma manifestação artística, ponto de vista que começou a mudar apenas a partir da década de 1990 e com a produção de novas pesquisas e análises.

Esses novos trabalhos provenientes nos últimos anos do século XX adquiriram uma modelagem revestida pela Filosofia da linguagem, Semiótica e Linguística, uma nova roupagem que permitiu a valorização da percepção estética da literatura. O grande contribuinte para essa mudança de concepção foi Michel Collot, que com um aporte teórico sustentado em leituras do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, conceituou paisagem de uma nova maneira, engendrada pela poética e filosofia, o que não é de se estranhar, pois suas leituras principais estavam fincadas na filosofia, o que, unido à fenomenologia, permitiu estabelecer uma harmonia, um equilíbrio, entre

a Geografia e Literatura. Essa equiparação pode ser percebida em sua definição de paisagem, quando profere:

A paisagem é configurada, ao mesmo tempo, por agentes naturais e por atores humanos em interação constante: é, portanto, uma co-produção da natureza e da cultura em todas as suas manifestações, desde as mais materiais (a começar pela agricultura) até as mais espirituais (pintura e poesia incluídas). Quando se está atento a essa troca entre fatores naturais e culturais que se estabelece na percepção e na construção da paisagem, evita-se reduzi-la tanto a um puro artefato, como o fazem os partidários da *artilização*, quanto a um ambiente natural, como fazem, muito frequentemente, os ecologistas (Collot, 1990, p. 43, grifos do autor).

Assim, ele formula três possíveis associações entre as esferas geográficas e literárias, sendo a mais importante e relevante para esse trabalho a “geopoética”, termo já existente, criado por Michel Deguy e Kenneth White, porém trabalhado com mais expressividade por Collot. Por essa perspectiva de estudo, fatores linguísticos, sociais e culturais têm mais força no que tange aos estudos de espaço literário, visto que “[...] o texto literário é espacial porque os signos que o constituem são corpos materiais, cuja função intelectual jamais oblitera totalmente a exigência da percepção sensível no ato de sua recepção” (Brandão, 2013, p. 64). Dessa maneira, a interdisciplinaridade pôde, de fato, estar presente nesse tipo de produção científica, pois os dois pesos se mostram igualmente importantes. Pretendemos trazer à baila uma análise que conjugue a Literatura e a Geografia, com vistas a identificar o sentido do estar e do viver do homem no mundo.

### **3.2 Reflexões sobre o exílio**

Processos migratórios são uma realidade desde que a humanidade começou a se estabelecer propriamente como humanidade. A história mundial é em si própria uma sucessão de migrações. Historiadores, em sua grande maioria, concordam que o estilo de vida migratório foi o que possibilitou que a sociedade como conhecemos hoje pudesse estabelecer-se e triunfar. Sendo uma realidade que nos acompanha como sociedade desde os primórdios, os processos migratórios podem ser desencadeados por um gigantesco número de variantes: mudanças climáticas, catástrofes naturais, ditaduras e imposições militares, perseguição religiosa ou governamental, povoamento de um novo território, insatisfação com o governo do país, esperança por uma vida melhor e mais digna em outro local, melhores oportunidades de vida, dentre outras possibilidades. Contudo, processos migratórios

possuem diferentes fatores desencadeadores e distintas formas de consumação, o que implica que sejam tratados sob diferentes classificações e nomenclaturas.

O ato de ser impelido a sair de sua localidade natal configura-se como exílio, uma realidade quase tão antiga quanto a humanidade. Por ser algo tão presente, muitos estudiosos debruçaram-se sobre a temática e propuseram um vasto diálogo sobre o exílio, dentre eles Roniger (2011, p. 31) que o conceitua da seguinte forma:

O exílio reflete uma lógica de exclusão e deslocamento de cidadãos e residentes para fora do território e das esferas públicas do Estado. Gera processos complexos que ocorrem em uníssono em diferentes níveis – nos planos local, transnacional, regional e mundial – e que misturam tensões entre projetos políticos e pessoais prévios e os processos de aculturação e transformação ligados ao entorno político, social, administrativo e cultural do país de residência, e aos novos habitats e modelos de vida que diferenciam as experiências no estrangeiro daquelas na sociedade de origem.

Em uma abordagem mais empírica, o exílio acontece a partir do desenraizamento, quando alguém é forçado a sair de seu ambiente natural, para, a partir daquele momento, encarar as dores e sofrimentos desta retirada tão brusca e feroz. Os dissabores provocados pelo exílio são acreditados como “[...] uma sanção que, desde a antiguidade, era um substituto da pena de morte e, como tal, uma pena de suma gravidade” (Roniger, 2011, p. 37), portanto, não seria atípico conceber o exílio como a derrocada de quem o sofre.<sup>7</sup>

Por ser uma realidade tão próxima do nosso dia a dia, seja na esfera ficcional ou não, o exílio ganha nuances já exaustivamente trabalhadas por diversos estudiosos, contudo, há um nome que, ao tratar do tema, ganhou maior destaque em suas colocações. Trata-se de Edward Said, uma das mais importantes mentes do século XX. Muito pela sua vivência como exilado, afinal muito cedo foi coagido a sair de sua terra-mãe, a Palestina, Said dedicou boa parte de sua vida a pensar e debater sobre o tema. Em um conceito já concebido como clássico, Said define o exílio como “[...] uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (Said, 2003, p. 46).

---

<sup>7</sup>Exilados famosos condenados à angústia eterna perpetuam o nosso imaginário social, seja em um plano mais mítico, como a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden rumo a uma terra em que perderiam suas regalias e boa vida, para, agora, viverem as labutas da vida imperfeita, ou em uma esfera que nos encontra quase diariamente em jornais televisivos e na internet, que é a situação dos atuais refugiados, indivíduos que não estão mais em seus países de origem em razão de perseguições, interligados a questões de raça, religião, nacionalidade, sexualidade a um determinado grupo social ou perseguição devido a concepções políticas, uma realidade tenebrosa para cerca de 5,4 milhões de pessoas ao redor do mundo (ACNUR, 2021).

Ao declarar que a nova morada não poderá se tornar um novo lar, Said descortina questões que envolvem o não pertencimento.

O pertencer está estreitamente atrelado à construção identitária do sujeito. Rogério Ribeiro Jorge (2009), em sua tese *Território, identidade e desenvolvimento: uma outra leitura dos arranjos produtivos locais de serviços no rural*, é categórico ao afirmar que a identidade é o resultado de vários fatores, inclusive o geográfico, o que corrobora com a linha de pensamento Saidiana. O pesquisador reitera que a identidade é “[...] resultado de um trabalho permanente de renovável construção social e política, mas também geográfica, que leva em conta a extrema mobilidade dos agentes sociais” (Jorge, 2009, p. 240). Desde modo, o território torna-se uma grande parte do que nos constitui como seres viventes, pensantes e únicos.

Lestinge (2004) abrange as possibilidades de compreensão de pertencimento ao associá-lo ao vínculo natural que há entre um indivíduo e sua pátria, ao denominá-lo “enraizamento”, palavra que nos remete à literalidade de estar fincado à terra, e, ao ser arrancado, sofrer com a brutalidade da dor causada pelo ato:

A priori esse conceito – pertencimento – pode nos remeter a, pelo menos, duas possibilidades: uma vinculada ao sentimento por um espaço territorial, ligada, portanto, a uma realidade política, étnica, social e econômica, também conhecida como enraizamento; e outra, compreendida a partir do sentimento de inserção do sujeito sentir-se integrado a um todo maior, numa dimensão não apenas concreta, mas também abstrata e subjetiva (Lestinge, 2004, p. 40).

Esta ligação tão intrínseca existe, pois o indivíduo fora do seu lugar de aconchego não se encontra em sua plenitude. Em seu artigo científico *Como Ponta de Lança: o pensamento do lugar em Heidegger* (2012), Ligia Saramago comenta que Heidegger, ao estudar o espaço sob a perspectiva da filosofia contemporânea, acredita que a importância dada ao lugar pelo ser era máxima, uma vez que “Ser implica, inescapavelmente, *estar em* ou *pertencer a* algum lugar” (SARAMAGO, 2012, p. 204, grifos da autora). Assim, a construção identitária de alguém, além de questões sociais ou psicológicas, está atrelada a suas relações com seu lugar no mundo, o que, majoritariamente, se dará pela sua terra-mãe e seus conterrâneos, que, juntos, configuram seu lugar de pertencimento, ou como Lestinge (2014) define, seu local de enraizamento. Para reafirmar nossas ideias, Saramago (2012, p. 205) vai além e define que “[...] essa identidade é partilhada, muito estreitamente, com os entes que nele se encontram. A natureza mesma da identidade do lugar é uma questão crucial

no interior dessa temática mais ampla”. Por este vínculo entre o ser e sua terra natal se configurar tão nobre e vital é que a impetuosidade do exílio se torna ainda mais evidente.

Contudo, é válido que definamos a questão mais precisa do exílio: ao tratar-se dele, não há escolha. Quem o sofre, compulsoriamente não pode retornar à sua terra, trata-se de um “desenraizamento” por completo. Indivíduos que “[...] moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais” (Said, 2003, p. 54), não conceituam o que Said credits como exilados, mas sim como expatriados. Já os emigrados, também segundo o autor, são aquelas pessoas que puderam optar por deixar ou não seus países.

É interessante notarmos que, apesar de uma realidade coletiva, as vivências de um exilado sempre serão singulares, pois enquanto uns, forçosamente, tentaram adequar-se à nova realidade em que estão inseridos, alguns se fecharão a este novo mundo como se nunca tivessem deixado sua terra natal, em uma fracassada tentativa de preservar seu eu passado, suas tradições, costumes, crenças e modo de vida, o que causará mais frustração, pois é uma realidade inoperante ao seu novo contexto. Essa atitude pode ser compreendida como uma manutenção identitária, visto que, ao preservar seus hábitos socioculturais passados, acredita manter vínculo local e, mais do que isso, sua identidade. Em razão de situações como essas, Said reverbera que “[...] o exílio jamais se configura como o estado de estar satisfeito, plácido ou seguro. [...] é a vida levada fora da ordem habitual [...] assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente” (Said, 2003, p. 60).

Quando o exilado tenta a todo custo firmar psicologicamente suas raízes é quando o nacionalismo mais aparece, pois intensifica o sentimento de não pertencimento ao novo local de destino. Em seus estudos, Said pontifica que “[...] deve-se também reconhecer que o nacionalismo defensivo dos exilados favorece amiúde a consciência de si mesmo tanto quanto as formas menos atraentes de autoafirmação” (Said, 2003, p. 57). Quando alguém se sente deslocado e está constantemente lutando para se adaptar a uma nova região e seus costumes, o nacionalismo oferece uma sensação de pertencimento residual, porque evoca a conexão que existia anteriormente e que a sociedade civil busca preservar. O nacionalismo representa um lembrete de que o exilado não está sozinho e que ele sempre carregará consigo os costumes, a herança e os valores de seu lugar de

origem. Como destacou Said (2003, p. 49), o nacionalismo é uma maneira de afirmar que se pertence a um lugar específico, a um grupo de pessoas e a uma herança cultural.

Padrões que envolvem as vidas dos exilados permitiram que mais estudiosos se debruçassem sobre o tema. Dentre estes pensadores mais recentes, destaca-se Alexis Nouss. Ao lançar um olhar mais atento à experiência migratória, Nouss (2016) acredita que urge a necessidade de um termo que abranja os padrões pelos quais alguém que experiencia o exílio passe a vivenciar. Assim, para melhor caracterizar esse sentimento resultante da condição exílica, o pesquisador cria o neologismo “exilience”, traduzido em português como “exiliência”:

[...] o neologismo *exiliência* que lhe acentua as potencialidades de afirmação ou resistência, pelas quais escapa ao exclusivo determinismo de factores externos. Não existe nenhuma passividade na exiliência, porquanto não é sinal nem de ausência nem de perda; pelo contrário, representa a afirmação de um *ethos*. Núcleo existencial comum a todas as experiências de sujeitos migrantes, quaisquer que sejam as épocas, as culturas e as circunstâncias que as acolhem ou que as provocam, a exiliência declina-se em condição e consciência, podendo inclusive acontecer que as duas, em graus distintos, não coincidam: pode alguém sentir-se em exílio sem ser concretamente um exilado (consciência sem condição), como pode alguém ser um exilado em concreto, sem, contudo, sentir-se em exílio (condição sem consciência) (Nouss, 2016, p. 53, grifos do autor).

Assim como Said, porém em uma visão diferenciada, Nouss (2016) se propõe a primeiramente diferenciar o migrante do exilado. Ao refletir sobre o indivíduo que parte da sua terra, o pensador francês é categórico ao diferenciar as formas como isso pode ocorrer. Nouss (2016) cita as pessoas que, ao saírem de suas terras, não conseguem obter êxito para chegarem a um novo lugar, como, atualmente, é um caso muito comum, haja vista os milhares de viajantes que fogem dos países árabes em busca de abrigo na Europa. As mortes ocorridas, seja devido à precariedade do transporte, seja pela violência decorrente, constituem um grave problema social. Nouss (2016) ratifica que essas pessoas, ainda que chamadas pela grande mídia e governo de migrantes e/ou refugiados, jamais assim poderiam ser classificadas. O filósofo explica seu ponto de vista:

Um roteiro que passa a guião catastrófico em Abril de 2015: no dia 12, mais de 450 mortos ao largo da Sicília; no dia 19, mais de 800 mortos ao largo da Líbia. Há, no entanto, um erro de *casting*. Aqueles indivíduos não são migrantes, uma vez que a migração implica chegar a algum lado. Em última instância, são emigrantes que nunca chegam a ser imigrantes, aquele é o único fundamento legal da lógica político-econômica da migração. São indivíduos que falharam como migrantes, mesmo antes de sucumbirem na

areia das praias, sicilianas ou gregas, que dividem com turistas, incomodados ou indiferentes. Não cometamos a injustiça de cingir o seu destino ao estatuto de migrante. Trata-se de exilados (Nouss, 2016, p. 11, grifos do autor).

Ao contrapor a experiência de migração à de exílio, Nouss (2016) parte para o conceito que mais o agrada, o de exilado. Baseando-se em conceitos já postulados por Émile Durkheim e Georg Simmel, (para o primeiro, a migração se dava como um fenômeno social e, para o segundo, como uma experiência humana), Alexis Nouss (2016) teoriza sobre essa diferença ao relatar que em sua perspectiva:

O imigrante migra de um território para outro em função de uma identidade especializada, segundo uma ontologia cartográfica. O exilado passa de um ambiente para outro ambiente, de uma língua para outra língua, guarda na memória uns e outros, e põe-nos a dialogar entre si. Mais do que atravessar fronteiras, o exilado é 'o ser-fronteira que não tem fronteira', segundo a expressão que Georg Simmel utilizou para definir o humano (1993:168). (Nouss, 2016, p. 13).

Este ser-fronteira está inserido no que Nouss (2016, p. 14) chama de “[...] era de generalizada desconstrução identitária”. Se a cultura e o sentimento de pertença contribuem para a formação identitária de alguém, é um raciocínio lógico que a retirada atroz contribuirá para o efeito contrário, neste caso uma perda do que se configura como identidade. Neste processo, a “[...] experiência do exílio abala qualquer pretensão de essência, assim como o direito do solo que a sustenta em matéria de identidade” (Nouss, 2016, p. 14). Ao ter o que constitui sua identidade em estado de fragmentação, o pensador contemporâneo propõe que pensemos o próprio exílio como fator que, agora, ocupará este espaço antes concebido pela terra-mãe. Logo, a partir do momento em que o cidadão expulso de suas terras se torna um exilado, aquele processo será fator chave na definição de sua identidade. A condição exílica passa a ser seu norte e direção a seguir.

Nouss (2016) afirma que a migração e suas terminologias derivadas escondem-se por trás de uma razão política. Como? Pensemos. Junto ao que admitimos como migração, ronda a questão da legalidade. É natural que atrelemos à migração a questão do imigrante legal ou ilegal. Enquanto a migração pode estar envolta em situações de agradabilidade, o exílio não dispõe desta conveniência. A imigração, ao poder estar na cesta do que é considerado criminoso ou não, ganha contornos jurídicos que sem demora permitem que haja uma relativização e, conseqüentemente, tratamento diferenciado do que se enquadra nesta definição. Contudo, a variação de

perspectiva dada ao migrante também possui uma face que, por vezes, chega a ser até mais cruel do que a faceta exílica.

A referenciação ao imigrante ilegal, por exemplo, geralmente está atrelada a termos como “imigração clandestina” e, em casos mais raros, até a imigração selvagem (Nouss, 2016). Tal estigmatização concede a quem passa por essa situação uma condição de irregularidade, algo fora da lei. Ao exílio não serão doadas tais concepções:

Um exílio pode ser feliz ou infeliz, forçado ou voluntário, mas não é criminoso ou, pelo menos, não transgredir a norma, como o fazem a clandestinidade e selvajaria. [...] Como ‘clandestino’, o migrante é aquele que vem de fora duas vezes – de um exterior espacial e de um exterior legal –, por isso mesmo, é duplamente ameaçador (Nouss, 2016, p. 17).

Devido à complexidade dos diversos paradigmas relacionados à migração, nos quais, em algumas situações, a migração é vista como mais prejudicial, enquanto em outras o exílio é concebido como uma experiência mais brutal, Nouss (2016) sugere a adoção de um conceito abrangente que englobe todas as nuances do deslocamento. Ele propõe que termos como exílio, emigração, imigração, migração, expatriação, repatriação, deslocamento, desenraizamento, refúgio, asilo, exclusão, deportação e outros sejam deixados de lado em favor do neologismo "exiliência". Esse termo, segundo Nouss (2016), seria capaz de abarcar todas as conotações ligadas à ideia de deslocamento. Nouss elabora ainda mais essa ideia ao afirmar que:

A experiência exílica representaria assim um núcleo existencial comum a todos esses fenômenos de mobilidade sob coação, seja ela qual for, e, nesse sentido, o exílio poderia modelizar todas as outras noções sem as recobrir tipologicamente. Esta mudança de paradigma, que substitui o léxico da migração por um pensamento baseado nas noções de condição exílica e de exiliência (vd. *Infra*) justifica-se tanto mais quanto a experiência exílica abala, de fato, categorias humanas fundamentais que têm a ver com o espaço, o tempo e a identidade. [...] O exílio deve realçar uma condição comum a todos os indivíduos em migração, de forma a poder servir como fundamento de uma análise política (Nouss, 2016, p. 24-25).

É importante ressaltar que agrupar todas essas formas de deslocamento dentro do conceito de exílio não significa que as condições dos diferentes indivíduos que passam por essas experiências sejam as mesmas. Não se trata de agrupar todos os termos dentro da mesma caixa, pois a individualidade dos sujeitos que vivem a migração precisa ser respeitada, contudo a reunião dessas pessoas em uma união exílica permite que os traços que as compõem sejam realçados, possibilitando um estudo mais abrangente.

No entanto, o exílio não está restrito apenas ao lugar de onde alguém sai ou ao lugar para onde vai. Pelo contrário, o exílio está relacionado a uma dualidade, a uma espécie de divisão, na qual coexistem as realidades da partida e da chegada. É por isso que a escolha da palavra "exiliência" como um termo abrangente para englobar todas essas condições de deslocamento faz sentido, pois ela abarca essa dualidade de experiências.

Pertencente a dois mundos, como se dá a identidade e percepção própria do exilado? Um ser que sem pertencimento ao país de partida e ao país de destino nutrirá em si uma identidade fluida, denominada por Paul Ricoeur (2000) como identidade narrativa. A identidade narrativa de um exilado é o que permite com que ele harmonize suas dicotomias, visto caracterizar-se pela descontinuidade de si, uma vez que sua origem torna-se rompida:

Assim, dizemos de um carvalho que ele é o mesmo da semente à árvore na força da idade, da mesma forma, de um animal, do nascimento à morte, e mesmo do homem enquanto amostra da espécie, do feto ao velho, a demonstração desta continuidade funcional como critério anexo do da similitude ao serviço da identidade numérica. O contrário da identidade tomada neste terceiro sentido é a descontinuidade. Ora, com este terceiro sentido, entrou em linha de conta a mudança no tempo (Ricoeur, 2000, p. 3).

Para Ricoeur (2000), há dois conjuntos narrativos basilares: histórico e de ficção. Em suas pesquisas, a formação da identidade narrativa ocorre quando os dois conjuntos narrativos, o real e o fictício, fundem-se em uma única mente, criando uma narrativa unificada. Em sua obra *A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal* (2000), Ricoeur explica:

Parece, pois, plausível ter como válida a cadeia seguinte de asserções: o conhecimento de si próprio é uma interpretação - a interpretação de si próprio, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada, - esta última serve-se tanto da história como da ficção, fazendo da história de uma vida uma história fictícia ou, se se preferir, uma ficção histórica, comparáveis às biografias dos grandes homens em que se mistura a história e a ficção (Ricoeur, 2000, p. 2).

A identidade narrativa, a qual permite conciliar um mundo mutável e um mundo invariável, inserida em uma perspectiva exílica, reverbera que o passado do sujeito, em uma dinâmica de distanciamento cada vez maior, constitui-se como um mundo ficcional, uma vez que aquela realidade não lhe pertence mais, mas ele insiste em mantê-la como parte integral de seu mundo. Este equilíbrio entre os dois mundos do exilado possibilita que haja uma redistribuição de aspectos identitários. O híbrido entre

um mundo passado que já se configura como ficcional e um mundo real, sua nova morada, cria pontos de referência em que o exilado pode alicerçar-se, construir um novo ser repaginado, ainda que através de muita mágoa e desgosto, uma vez que se vê “[...] excluído dos quadros mentais e culturais que lhe ofereciam referência e conforto, uma ferida com que a experiência exílica, como qualquer outro fenômeno traumático, é levada a confrontar-se” (Nouss, 2016, p. 63).

Todavia, em uma acepção que contempla qualquer fluxo migratório como uma experiência exílica, é difícil não questionar se, nesta visão, o exilado, assim como na concepção clássica de Said, não tem a possibilidade de retorno à terra natal. Para Nouss (2016), a viabilidade de retorno não deve ser o prisma que define o que é exílio ou não. Em seus termos, “[...] definir o exílio como a hipótese de regresso limita o conceito de autonomia e o alcance do exílio como experiência” (Nouss, 2016, p. 84). O regresso como não definitivo, para o autor, não é um fator fixo, visto que está à mercê de fatores externos sobre os quais o exilado não tem controle, logo, não é uma realidade imutável, de forma que conviver com a dúvida de um possível retorno sempre fará parte de qualquer pessoa em estado de exilância. Não há certezas ao sair de sua terra natal. O retorno, ainda que planejado, pode não ocorrer, assim como a obrigatoriedade da permanência em terras longínquas pode dar-se como fracassada, pois, como já dito, fatores fora dos termos da exilância regem tais condições.

Essa dúvida constante solidifica o sentimento de não pertencimento. Não há espaço para manutenção das raízes denegadas em seu lar de origem, muito menos para criação de novas, um espaço em que não há certeza se poderá ser concebido como lar. Assim, chegamos a um lugar comum ao exilado, paradoxalmente chamado de “não-lugar”. Quando a condição exílica se espacializa, ou seja, uma paisagem que toma forma de lugar nenhum, há a criação da imaterialidade espacial inerente ao exilado. Ainda que não seja um conceito criado em oposição ao lugar concebido pela Geografia Humanista Cultural, a ideia de não-lugar pode, em muitos aspectos, opor-se ao que já conhecemos como lugar sob a lupa da GHC.

Marc Augé muito cooperou e participou na divulgação do termo “não-lugar” como já explorado previamente. Ressaltamos que, ao dar à luz o conceito de não-lugar, o etnólogo e antropólogo francês pondera: “Se o lugar pode definir-se como identitário, relacional e histórico, um espaço que não se pode definir como identitário,

nem como relacional e nem como histórico definirá um não-lugar” (Augé, 1992, p. 100). Este não-lugar traduz a incapacidade de criar vínculos, proximidade e sentimento ao novo endereço, posto que neste não-lugar não há possibilidade de se estabelecer, apenas estar de passagem. De acordo com a análise de Nouss (2016), a teoria de Augé.

[...] centra-se no indivíduo enquanto ocupante, ou não, do espaço, e enquanto aquele que lhe confere sentido. Em contrapartida, a partir do momento em que o indivíduo não pode inscrever-se nem se instalar no não-lugar, ele só pode ‘passar’ por lá, num sentido desta feita negativo (Nouss, 2016, p. 103).

O não-lugar, enquanto determinante para o exílio, permite a criação de outra terminologia – “diáspora” –, experiência migratória em que há a projeção do encontro de um sentido ao local de destino. No próximo subtópico, a diáspora será melhor compreendida, sobretudo no que se diferencia do exílio e suas nuances.

### **3.3 Sendas diaspóricas**

É de conhecimento geral que as diásporas estão presentes na sociedade muito antes dos processos de colonização e descolonização vivenciados na era moderna. Mesmo em 586 A.C., o povo judeu dispersou-se da antiga Judeia rumo à atual Palestina, como consequência das constantes invasões que sofriam em seu território. O entendimento do que é esse fenômeno pode ser contemplado pela etimologia da palavra “diáspora”, a qual, segundo Braga (2014), divide-se em dois polos. Natural da língua grega, o termo *diaspeirein* é o que hoje temos em português como diáspora. O prefixo *día* evoca o sentido de “movimento através” ou “afastamento”, ao passo que o final da palavra *speirein* exprime a noção de “semear ou dispersar”.

Estudos que priorizam a diáspora têm recebido maior atenção nos últimos anos, pois, dentro dos tópicos referentes à mobilidade humana, a diáspora é uma forma de deslocamento muito particular e com nuances muito bem delineadas. Na literatura, de forma geral, o ato de narrar histórias de deslocamento sempre foi um lugar-comum frutífero, principalmente se focarmos em mobilidades realizadas de forma coletiva.

Análises e debates em torno do que vem a ser a diáspora, após os anos 1980, seguramente, tornaram-se pertinentes no âmbito das ciências humanas e sociais, o que levou a uma explosão de usos desse termo para definir diferentes movimentações tipicamente humanas. Assim, muitos estudiosos dedicaram-se a tentar delimitar o que

seria mais adequado à definição de diáspora. Um deles foi Martin Baumann, que, ao estudar deslocamentos de imigrantes indianos à Inglaterra, percebeu a necessidade de um conceito mais fechado e que pudesse abarcar as singularidades experienciadas por deslocamentos similares aos realizados pelo grupo de pessoas que ele estudava.

À vista disso, Baumann (1995) postulou que poderíamos compreender a diáspora como um processo de retirada que não acaba em si. Uma comunidade que se dispersa e que, por meio de tal locomoção, carrega em si consequências, como a significação de um novo destino enquanto seu lar.

Tomando a ideia de Baumann como basilar, Steven Vertovec (1997) procurou aprofundar essa concepção, pois considerava que a imagem criada por Baumann se mostrava obsoleta, ou, pelo menos, muito fechada para a realidade atual. Em 1997, ao publicar o texto *Three meanings of 'Diaspora', exemplified among South Asian religions. Diaspora: a Journal of Transnational Studies*, o teórico elaborou três significados que, segundo ele, melhor abarcariam a ideia sintetizada pelo termo "diáspora" na contemporaneidade. Para Vertovec (1997, p. 277), a diáspora concebe-se como "[...] 'uma 'forma social', a um 'tipo de conscientização' e a um 'modo de produção cultural'".

Em paralelo ao debate suscitado por Baumann e Vertovec, outro estudioso que tentou conceituar a diáspora de forma mais clara foi James Clifford (1999). Em suas análises, trouxe à baila o fato de que teorias da diáspora, discursos diaspóricos e experiências históricas oriundas da diáspora não equivalem à mesma coisa, de forma que, em sua visão, mais útil e fácil seria conceituar a diáspora por aquilo que ela não é do que pelo que a compõe:

Ao invés de estabelecer traços essenciais, podemos focar as fronteiras da diáspora, definindo-a pelo que ela não é... As diásporas são entendidas a partir de sua diferença em relação às (1) regras dos estados-nações e (2) reivindicações nativas, especialmente autóctones, de povos 'tribais', apesar de próximas destas (Clifford, 1999, p. 220).

Entretanto, as ideias de Baumann (1995), Vertovec (1997) e Clifford (1999) se mantinham ainda muito nebulosas, justamente por abarcarem traços diferentes entre si e que, muitas vezes, entravam em conflito. Logo, seus conceitos foram sendo aprimorados por novos autores, para, por fim, serem esquecidos. Novos nomes alçaram voo, dentre eles William Safran (1991) e Robin Cohen (1997, 1999),

estudiosos que muito se empenharam em reunir características essenciais vivenciadas por povos atravessados pela mancha colonial.

Safran (1991), em seu artigo *Diaspora in modern societies: myths of homeland and return*, assegura que a diáspora não pode ser assimilada como qualquer forma de deslocamento. A diáspora pós-colonial é uma forma de mobilidade coletiva que envolve a dispersão de um território-natal para novas regiões, na maior parte das vezes, periféricas ou estrangeiras. Assim, esta movimentação difere de forma muito peculiar justamente por se tratar de algo realizado por um grupo. Diásporas se caracterizam por serem uma movimentação coletiva, diferente, por exemplo, do exílio, que, geralmente, identifica-se por ser uma ação solitária.

Alguns anos após a ideia de Safran (1991) ganhar força, Cohen (1999), aproveitando seu ensejo, listou características comuns à vivência diaspórica:

1. Dispersão iniciada em uma terra natal original, muitas vezes de forma traumática, para duas ou mais regiões estrangeiras.
2. Ou, alternativamente, uma expansão para além de uma terra natal à procura de trabalho, em busca de comércio ou por futuras ambições coloniais.
3. Memória e mito coletivos sobre a terra natal, incluindo sua localização, história e feitos.
4. Uma idealização do suposto lar ancestral e um compromisso coletivo para sua manutenção, restauração, segurança e prosperidade, e até para sua criação.
5. O desenvolvimento de um movimento de retorno que adquire uma aquiescência coletiva.
6. Uma forte consciência de grupo étnico sustentada por um longo período e baseada em um senso de distinção, em uma história comum e na crença em um destino comum.
7. Uma relação problemática com a sociedade anfitriã, sugerindo no mínimo uma falta de aceitação ou a possibilidade de que outra calamidade possa advir ao grupo.
8. Um senso de empatia e solidariedade com membros de mesma etnia em outros países de assentamento.
9. A possibilidade de uma vida peculiar, até mesmo enriquecedora e criativa, nos países anfitriões com uma tolerância para o pluralismo (Cohen, 1999, p. 274, p. 84-85).

A listagem de Cohen ajudou a amparar muitos estudos que o seguiram, contudo, resiste em sinalizar qual a relação entre o ser diaspórico com sua nova terra. Para tal entendimento, Nouss (2016) é mais categórico quando, em mais uma tentativa de diferenciar a diáspora de exílio, tece os seguintes dizeres:

A diáspora desfaz a oposição entre centro e periferia ou, mais precisamente, que ela justapõe um centro e a possibilidade de um segundo centro ou de muitos outros que não anulam o valor do primeiro. Não se trata de um descentramento seguido de um recentramento, mas da afirmação de uma centralidade múltipla, do poder de um rizoma. É isto que distingue a condição

diaspórica de outras condições exílicas, definidas exclusivamente pelo abandono de um único centro detentor da autoridade. [...] Com efeito, há duas exigências que para o indivíduo ficam resolvidas na experiência diaspórica: eu sou de um lugar, mas esse lugar eu posso encontrá-lo num outro sítio, se não em todo lado (Nouss, 2016, p. 29).

A diáspora, em seu caráter comunitário, anseia encontrar um lar em seu destino. Diferentemente do exílio, em que a dor acompanha quem o sofre, a diáspora carrega em si múltiplas possibilidades, pois, ao compreender o esforço coletivo do deslocamento, entende-se que a retomada dificilmente se concretizará, por isso, o anseio de encontrar significado em um novo ambiente se torna tão vital.

A identidade diaspórica, assim como a do exilado, também possuirá suas particularidades. Stuart Hall (2020), ao refletir sobre questões identitárias, estabeleceu que os valores culturais são elementos volúveis que podem se alterar a partir das mudanças resultantes das migrações. O sociólogo compreende a cultura como algo móvel, possível que seja constituída de elementos anteriores e posteriores à diáspora. Quem vivencia a diáspora, ao acessar sua identidade cultural, vivencia dois mundos integrados e que não necessariamente se opõem, como afirma o autor: “O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre dentro e fora” (Hall, 2020, p. 35). Nessa perspectiva, podemos inferir que o indivíduo fruto de diáspora não possuirá a eterna dor de estar deslocado de sua terra-mãe assim como quem experiencia o exílio, pois, para o primeiro, a integralização em uma nova pátria é uma realidade possível e, de certa forma, ansiada por ele. Porém, como nem tudo são flores, esta pluralidade identitária poderá desembocar em crises identitárias. Segundo Hall (2011, p. 7), tais crises fazem

[...] parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Grande parte das pessoas encontra identificação com apenas um lugar, o pertencimento gentilício se dá com uma pátria específica na maioria dos casos. Esta dualidade causa ao indivíduo a falta de raízes mais profundas, pois, paradoxalmente, ao pertencer a dois lugares, pertence a lugar nenhum. Viver fora dos padrões esperados motiva o abalo de pontos de referência para quem sofre a diáspora, pois seu pertencimento torna-se turvo. Desta maneira, este sentimento é combatido diretamente pelo coletivo, no qual o ser diaspórico ancora seus dilemas. Ao encontrar

no outro suas mesmas dúvidas e indecisões, encontra, finalmente, a paz e pertencimento que somente o acolhimento genuíno pode proporcionar. A identidade dessas pessoas em processo de diáspora baseia-se na relação entre o eu e o outro, não o outro sendo um estrangeiro distante, mas aquele que o conforta e compartilha da mesma vivência, como reitera Hall: “[...] a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público” (Hall, 2011, p. 12).

Desta forma, Hall (1992) argumenta que a identidade não é algo fixo, essencialista ou predefinido, mas sim um processo contínuo e fluido que é moldado por uma série de fatores, incluindo o contexto histórico, cultural e social em que as pessoas vivem. Dentro do contexto da diáspora, em que comunidades são dispersas geograficamente devido a migrações forçadas, voluntárias ou outras circunstâncias, Hall (1992) enfatiza que a identidade se torna ainda mais complexa e mutável, portanto, rejeitando a ideia de uma identidade única e estável para os indivíduos diaspóricos. O autor argumenta que essas pessoas têm identidades híbridas e múltiplas, influenciadas tanto pelas culturas de origem quanto pelas culturas de acolhimento (Hall, 1992).

Para exemplificar e permitir que sua linha de pensamento se tornasse mais fluída, Hall (2006) cunhou o termo “identidade em processo” para descrever este processo vivido por pessoas interpeladas pela diáspora. Nesta percepção, na qual obtemos a identidade como algo mutável, contínuo e em processo de evolução, o indivíduo que atravessa diferentes culturas, vivências e mundos, sofrerá consequências diferenciadas de alguém que tem sua identidade fincada em apenas uma realidade.

[...] quanto mais a vida se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (Hall, 2006, p. 75).

A ideia de identidade em processo implica que as identidades são fluidas e múltiplas, e que as pessoas podem se identificar de maneiras diferentes em diversas situações. Essa abordagem desafia a noção de identidades fixas baseadas em

categorias rígidas, como etnia, nacionalidade ou gênero, e enfatiza a importância de reconhecer a complexidade e a diversidade das experiências individuais e coletivas. Portanto, a identidade em processo de Stuart Hall (1992) enfatiza o aspecto dinâmico e em constante mudança da construção identitária, rejeitando visões essencialistas ou deterministas sobre quem somos. Em vez disso, ele nos convida a considerar como as identidades são forjadas por meio de interações culturais, históricas e sociais, e como elas se adaptam e se transformam ao longo do tempo.

Nesse contexto, é importante ressaltar que a diáspora, além de ser a dispersão de um grupo étnico, cultural ou religioso de sua terra natal, desempenha um papel fundamental na fragmentação das identidades daqueles que a vivenciam, provocando mudanças profundas e muitas vezes irreversíveis. Esses conceitos serão explorados em detalhes no capítulo seguinte, à medida que analisaremos suas implicações.

## 4 “O LUGAR QUE NÃO É MEU”: REPRESENTAÇÕES POÉTICAS

### 4.1 Jorge Barbosa e o exílio nostálgico

Jorge Barbosa é dos nomes mais celebrados dentro da literatura africana de língua portuguesa. Natural de Praia, foi um poeta cabo-verdiano notável e uma das figuras mais influentes na literatura de seu país natal. Ele é conhecido por suas contribuições para a literatura de expressão portuguesa e por seu papel no movimento literário e cultural conhecido como "Claridade", que teve um impacto significativo na formação da identidade literária cabo-verdiana.

Barbosa foi um dos fundadores da revista literária "Claridade", lançada em 1936, juntamente com outros escritores cabo-verdianos notáveis, como Baltasar Lopes e Manuel Lopes. A revista defendia uma abordagem mais autêntica e próxima da realidade cabo-verdiana em sua escrita, afastando-se dos modelos literários europeus tradicionais, como comenta Ferreira:

Os intelectuais e escritores, a partir da *Claridade*, como adiante teremos ocasião de verificar, projectaram o seu esforço criador nos grandes segmentos que representavam ou simbolizavam a parte viva da sua pátria, ou seja, aquela que não adoptava os critérios e os padrões que serviam o colonialismo; e assim, aberta ou implicitamente, condenavam tudo quanto vivesse fora deste projecto nacional (Ferreira, 1997, p. 24).

O poeta também foi um advogado e político ativo, desempenhando um papel, ainda que de menor relevância do que seu papel como escritor, na vida pública de Cabo Verde. Sua contribuição para a literatura cabo-verdiana e sua defesa pela expressão cultural autêntica desempenharam um papel crucial no desenvolvimento da literatura do país e na afirmação da identidade cultural cabo-verdiana, visto que a atividade literária e cultural de Barbosa também contribuiu diretamente para a construção da consciência cultural e nacional de Cabo Verde (Santos, 1989). Seus esforços para expressar a identidade e as experiências cabo-verdianas através da literatura ajudaram a fortalecer o sentido de pertencimento e a promover a visibilidade da cultura local, algo impensável antes das primeiras publicações da revista *Claridade*.

Sua obra mais conhecida é o livro de poesia intitulado *Arquipélago*, publicado um ano antes da Revista *Claridade*, em 1935. *Arquipélago* é uma coletânea de poemas que exploram temas ligados à vida cotidiana, à cultura e à história de Cabo Verde. A obra foi um marco na literatura do país, pois é “[...] a partir dela que se pode falar de caboverdianidade, isto é, da consciencialização das realidades étnico-sociais

e culturais da terra cabo-verdiana, dando lugar a uma literatura que rompe com os moldes europeus, especialmente portugueses” (Santos, 1989, p. 40). Os poemas refletem a complexidade das experiências das ilhas, explorando questões sociais, políticas e culturais através de uma linguagem lírica rica e emotiva.

De acordo com Santos (1989), Barbosa não foi tão reconhecido por explorar explicitamente os temas da diáspora e do exílio em sua poesia como outros poetas cabo-verdianos, como, por exemplo, Corsino Fortes, contudo é importante considerar que ele só não fazia parte do movimento literário *Claridade*, como foi um dos fundadores do movimento, de forma que sempre que possível e relevante para o contexto da sua obra, buscou abordar as realidades culturais e sociais de Cabo Verde, o que incluiu explorar as complexidades das experiências dos cabo-verdianos em relação à diáspora e ao exílio. É possível perceber, ainda que em doses pequenas, que o autor de *Praia* explorou as diversas e ricas emoções contraditórias que os cabo-verdianos em exílio sentiam. Em seus textos, é perceptível compreender o exílio como algo dual. Embora alguns cabo-verdianos possam ter visto o exílio como uma necessidade em face das circunstâncias econômicas e sociais do país, outros podem ter sentido uma conexão profunda com sua terra natal e experimentado sentimentos de saudade e nostalgia. Assim, Barbosa não hesita em nos mostrar o ser humano como algo singular, em um plano no qual cada um de nós poderá experimentar situações muito similares de forma completamente desigual.

Barbosa, assim como os demais escritores do movimento "Claridade", estava preocupado em trazer à tona as experiências reais dos cabo-verdianos e explorar a identidade cultural do arquipélago, no entanto realizava esse dever de maneira muito singular.

Escritores como Baltasar Lopes e Manuel Lopes reconheciam que a diáspora era uma realidade vivida por muitos cabo-verdianos devido às condições econômicas e políticas, assim procuraram explorar como essa experiência compartilhada influenciava a identidade e a cultura cabo-verdianas.

Já outros autores, como Orlanda Amarílis, exploraram os sentimentos de saudade e nostalgia que muitos cabo-verdianos em exílio ou diáspora experimentavam em relação à sua terra natal, sentimento este denominado como “insularidade”. A autora, por exemplo, abordou como a distância física da pátria impactava emocionalmente os indivíduos e influenciava suas representações culturais

A insularidade nasce do relacionamento do sujeito com o espaço das ilhas, ou seja, do sentimento de solidão, de nostalgia que o cabo-verdiano experimenta face ao isolamento e os limites da fronteira líquida que o separa do mundo, criando no ilhéu um estado de angústia e ansiedade (Santos, 1989, p. 59).

Todavia, ao observarmos o contexto e as produções de Barbosa, o autor possui um olhar muito singular ao que considera como exílio. Se pensarmos nas concepção clássica de Said (2003, p. 46), que pontua que este estado “[...] é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada”. Observamos a eterna sensação de perda que estará presente na vida de um exilado, uma forma de fragmentação do que os constituía como seres humanos é perdida pela partida inesperada, obrigatória e, infelizmente, não poderá ser recuperada, Said (2003) afirma que o exílio representa uma perda irremediável. Portanto, ainda de acordo com o autor, o exílio vai além da simples mudança de localização geográfica.

É um conceito social que abarca dimensões emocionais, intelectuais e culturais, incluindo a dualidade da experiência, a formação de narrativas alternativas e as maneiras pelas quais o exílio pode afetar a identidade individual e coletiva.

Said (2003) também observa que o exílio, frequentemente, leva à formação de narrativas complexas, na medida em que o indivíduo em estado de exílio reconta a história de sua vida e de sua nação de maneira nova e diferenciada. Essas narrativas podem desafiar aquelas hegemônicas e contribuir para uma compreensão mais crítica das identidades e das histórias culturais. Uma das ideias centrais de Said em relação ao exílio é a de "duplicidade" ou "dualidade". Ele argumenta que os exilados vivem em um estado de dualidade, pois são confrontados tanto com a cultura e o ambiente em que estão exilados quanto com a cultura e a memória de sua terra natal. Essa dualidade pode criar tensões e conflitos internos, mas também pode enriquecer a perspectiva cultural e intelectual do exilado. Barbosa partilha de uma visão muito similar à de Said no tocante ao que compreendemos como exilado, principalmente ao nos depararmos com seus poemas, que continuamente apresentam ao leitor essa duplicidade de sentimentos, pois

Assumindo uma escala sem precedentes, o resultado da disseminação do exílio em um mundo globalizado teria sido, de acordo com o autor, a banalização da imagem do ser condenado a vagar perpetuamente por terras desconhecidas, de modo que, de dolorosa, a experiência passou a ser vista como positiva e enriquecedora (Müller, 2011, p. 44).

Jorge Barbosa não defende explicitamente que os cabo-verdianos deveriam deixar as ilhas, porém, ao retratar a realidade do seu povo, ele também impulsiona ideias que, por vezes, mostravam que uma vida longe de Cabo Verde seria mais florida do que na terra natal, o que pode ser refletido por suas próprias experiências pessoais, como pondera Luz (2013, p. 31):

Jorge Barbosa, como qualquer cabo-verdiano, viveu a condição de ilhéu marcado por situações de vária ordem. Houve, igualmente, com ele um conflito permanente entre a pequenez da ilha e a imensidão do mundo, que o mar separa. Assim, ao viver numa prisão, projeta através da sua escrita algumas viagens imaginárias, num desejo evasivista.

Este sentimento alimentado justamente pela situação do país na época do auge da revista *Claridade*, como comenta Caputo (2006, p. 136):

Em virtude da situação desastrosa que se vivia no arquipélago nos anos 1930, decorrente da crise econômica mundial e da política do Estado Novo, e como resultado de uma observação em sintonia com a população e preocupada com o bem-estar e o progresso do arquipélago, o imperativo da elite intelectual era de intervenção cívica [...].

Nesta linha de pensamento, o movimento "Claridade", Jorge Barbosa sobretudo, buscava trazer à luz as experiências e as vozes dos cabo-verdianos, bem como promover uma literatura que refletisse a identidade local e a vivência das ilhas, de modo que anular o exílio como uma possibilidade de melhoria de vida não condizia com a realidade local, uma vez que suas preocupações literárias e culturais estavam mais voltadas para a representação das experiências e identidades cabo-verdianas.

Nessa representação, chama atenção que grande parte dos eu líricos presentes em suas criações literárias, além de viver a dualidade do dilema entre o ir e o ficar, por repetidas vezes, opta pelo partir, o que, aos olhos de outros autores de gerações literárias futuras, soava como renegar a terra-mãe, abandoná-la.

#### **4.1.1 O Itinerário do despatriado em Jorge Barbosa**

*Arquipélago*, primeiramente publicado em 1935, é uma coletânea de poemas escrita por Jorge Barbosa. A obra é uma das contribuições mais significativas para a literatura cabo-verdiana e é considerada um marco na expressão cultural do país. *Arquipélago* deleita-se sobre uma variedade de temas relacionados à vida, à cultura e às experiências dos cabo-verdianos, versando em poemas que debatem e refletem sobre a realidade do arquipélago de Cabo Verde, explorando questões sociais, históricas e culturais. Através de sua poesia, Jorge Barbosa buscou, com sucesso,

capturar a essência das ilhas e das pessoas que as habitam. Dentre os muitos temas e assuntos abordados em *Arquipélago* (1935), incluem-se a identidade e a cultura cabo-verdianas, o cotidiano nas ilhas, saudade e nostalgia, natureza e geografia, além de críticas sociais e políticas.

Como já vimos, dentro do movimento Claridade, buscava-se retratar a identidade cabo-verdiana de maneira autêntica e profunda. *Arquipélago* (1935) abordou essa aspiração ao explorar temas ligados à cultura, à língua, às tradições e à vida cotidiana das ilhas, contribuindo assim para a construção de uma representação literária mais genuína da identidade cabo-verdiana. Com foco nas experiências locais, o livro de poesia de Barbosa oferece uma visão íntima e detalhada das experiências locais nas ilhas de Cabo Verde. Essa abordagem está alinhada com a busca do movimento *Claridade* por uma literatura que refletisse as realidades do arquipélago, afinal era “notório que Claridade tinha por ideário programático ‘fincar os pés na terra’ como imagem lapidar da assunção do real (social, cultural e antropológico) crioulo” (Gomes, 2008, p. 06).

Outro ponto de grande valia da obra é a utilização da língua crioula em diversos momentos, sendo esta uma maneira de celebrar a rica diversidade linguística do país, criando, portanto, um ambiente de valorização da cultura e identidade do cabo-verdiano em todas as suas nuances, posto que o movimento claridoso rejeitava a imitação cega de modelos literários estrangeiros, particularmente europeus.

*Arquipélago* (1935), sem sombra de dúvidas, é uma coleção inovadora, rica e diversificada de uma poesia que captura as múltiplas facetas da vida cabo-verdiana. Por meio de sua arte, Barbosa deixou um legado literário que contribuiu para a compreensão da identidade, da cultura e das experiências do povo cabo-verdiano. O livro de Barbosa contribuiu para a construção de uma narrativa literária nacional que expressava as vozes e as histórias do povo local, além de, prontamente, ajudar a solidificar o papel dos claridosos como um movimento literário essencial na afirmação da identidade cultural de Cabo Verde.

Posto isto, nesta seção, nos debruçaremos sobre esta obra, com a seleção de três poemas de destaque dentro da coletânea: “Ilhas”, “Povo” e “Destinos”. Com abordagens e focos diferenciados, todos os poemas elencados retratam o cotidiano repleto de dilemas que o cabo-verdiano por muito tempo vivenciara.

O poema "Ilhas", dedicado a Jaime de Figueiredo, amigo pessoal de Barbosa e autor da capa de *Arquipélago*, é um dos mais emblemáticos da obra e é frequentemente citado como uma representação da identidade cabo-verdiana e da relação das pessoas com as ilhas do arquipélago. "Ilhas" é um poema que captura a essência das ilhas cabo-verdianas, oferecendo uma visão poética das características geográficas, culturais e emocionais do arquipélago. O poema pode ser interpretado como uma celebração da singularidade de Cabo Verde e da conexão das pessoas com suas terras, como podemos ver:

## ILHAS

Ao Jaime de Figueiredo

Que ameaças pairam nas montanhas majestosas!  
 - Santo Antão!  
 A bárbara melodia  
 das águas nas ribeiras:  
 Ribeira-Grande, Ribeira do Paúl, Ribeira da Tôrre,  
 que, às vezes, crescem rumorosas,  
 caudalosas,  
 e levam  
 árvores, casas, pedregulhos!

S. Vicente...  
 A miragem do Pôrto Grande –  
 Gin, Whisky,  
 o tabaco loiro  
 e o carvão e o telégrafo dos Inglêses...

Todos passaram  
 - Chineses, Negros, Americanos, Holandeses –  
 Todos passaram  
 e deixaram,  
 por acaso,  
 a sua raça no ventre das meretrizes do pôrto...

A miragem,  
 A decadência  
 do Pôrto Grande...  
 Santa Luzía  
 deserta...

S. Nicolau é um presepe que se desfez...  
 Tudo passou de vez,  
 o Seminário, os Cónegos, o Bispo  
 na rota inevitável  
 do tempo...  
 Recordações do tempo ido  
 continuam ainda  
 na gente  
 devota  
 e temente,  
 pias lembranças da Sé  
 ... missas solenes com todo o cabido  
 em dias santificados...

Ilha do Sal, das areias brancas,  
das marinhas brancas;  
cristalites de sal  
ao Sol  
por todos os lados.  
Os caranguejos lentos invadindo as ruas mortas  
nas longas noites neurasténicas...

Mornas a dançar  
no corpo sensual das raparigas  
nas cantigas,  
na dispneia das ondas bravas  
morrendo no areal,  
no rolar  
das ondas mandas e langues.  
Boa-Vista,  
a cena  
imprevista  
das areias marchando sobre a Vila.

Queijo de Maio  
saboroso e são  
nos lanches humildes  
com melão  
em anos de fartura...

O delírio do batuque no terreiro!  
*Vândias* de Santiago  
Contorcionando,  
espasmando  
os ventres  
no ritmo quente  
do batuque  
- essa dança ancestral!

Ficaram nas *tabancas*  
lembranças e gritos  
e espíritos até  
de avós invisíveis  
da Guiné!

Na cidade  
brincam meninos  
no pavimento  
de cimento  
que a praça tem  
e passeiam por ali homens  
aos grupos pequenos  
segredando assuntos e política...

... Paira no ambiente  
esse dolente  
cansaço  
do calor tropical.

No fogo há fumo ainda  
a sair do vulcão!

Apagados restos de antigas erupções

quedaram petrificados  
 pelas encostas  
 a relembrem trágicas visões  
 e ribombos  
 ecoando pela serra.

No sangue rebelde e másculo  
 das gentes  
 revive  
 o ardor das lavas incandescentes!

Ao largo os ilhéus Rombos!  
 Pássaros marinhos  
 proliferando...

- Seló... Seló!...  
*Americanos* que chegam...  
 Na balbúrdia do cais  
 há lágrimas de alegria,  
 fugidos cristais  
 iluminando os olhos das mulheres...

Foguetes  
 Estalam no ar por tôda a Brava  
 contagiando a harmonia  
 de cores  
 e de flores  
 da gracílima paisagem.

E depois... lá vão  
 outra vez,  
 tristonhos, os emigrantes...

: América! Mar largo!  
 Amôres distantes,  
 saudades crioulas  
 das mornas de Eugénio!... (Barbosa, 2017, p. 12).

Logo em seu início, "Ilhas" evoca imagens da paisagem, do mar, das praias e da geografia única do arquipélago africano. Barbosa destaca a beleza natural das ilhas, enquanto também sugere que essa beleza é marcada por uma sensação de isolamento e distância. O título "Ilhas", por si só, sugere a importância das ilhas como um elemento central da identidade e da cultura cabo-verdianas, um ponto de partida, onde tudo se inicia. Segundo Tuan (2012, p. 168).

A ilha parece ter um lugar especial na imaginação do homem. Ao contrário da floresta tropical ou da praia, ela não pode reivindicar abundância ecológica nem – como meio ambiente – teve grande significância na evolução do homem. A sua importância reside no reino da imaginação. No mundo, muitas das cosmogonias começam com o caos aquático: quando a terra emerge, necessariamente é uma ilha. A primeira colina também foi uma ilha e nela a vida começou.

Sob essa visão, da mesma forma que Tuan (2012) menciona que muitas cosmogonias começam com o caos aquático e a emergência da terra como uma ilha, o poema de Barbosa ressalta a importância das ilhas como cenários onde a vida começou, onde memórias foram formadas e onde a cultura floresceu. A descrição das diferentes ilhas, suas particularidades e histórias evoca uma sensação de pertencimento a esse ambiente insular. As ilhas de Cabo Verde no poema são retratadas como um mosaico de experiências: desde o esplendor das montanhas e das águas das ribeiras, passando pela nostalgia das memórias e da decadência das cidades, até a vida cotidiana, as danças e os rituais culturais que resistem ao tempo e ao deslocamento. A citação de "Ficaram nas tabancas / lembranças e gritos / e espíritos até / de avós invisíveis / da Guiné!" revela a conexão das ilhas cabo-verdianas com outras partes da África, enfatizando a diáspora e o intercâmbio cultural, e tendo a ilha sempre como um ponto fulcral de nascimento das mais ricas vivências humanas. Através desse poema, o autor procura capturar a complexidade das experiências e das emoções das pessoas em relação ao arquipélago, ao mesmo tempo em que celebra a rica diversidade cultural e geográfica que compõe a nação cabo-verdiana.

Em sua primeira estrofe, "Que ameaças pairam nas montanhas majestosas! – Santo Antão!", a ambientação já é algo que podemos analisar com empenho, visto que, para Chevalier e Gheerbrant (2009), esta é uma figura interessante de ser analisada. Segundo os autores,

A montanha exprime ainda as noções de estabilidade, de imutabilidade, às vezes, até mesmo de pureza. Ela é, segundo os sumerianos, a massa primordial não diferenciada, o Ovo do mundo e, segundo o *Chuowen* a produtora dos *dez mil seres*. De uma maneira mais geral, ela é, ao mesmo tempo, o centro e o eixo do mundo. Ela é representada graficamente pelo triângulo reto. Ela é o lugar dos deuses e sua ascensão é figurada como uma elevação no sentido do Céu, como o meio de entrar em relação com a Divindade, como um retorno ao Princípio (Chevalier; Gheerbrant, 2019, p. 616, grifos dos autores).

Nesta visão, quando o eu-lírico invoca as montanhas majestosas de sua terra logo com a primeira atração significativa e de valor, a manifestação natural do abrigo dos deuses, e contrapõe com as ameaças retidas e vividas naquela terra, podemos perceber os imbróglis da vida cabo-verdiana: ora possuem um lugar tão belo e paradisíaco que se assemelha ao divino, mas que vive em uma eterna ameaça por suas variadas condições. O verso ainda é finalizado referenciando à Santo Antão, uma

das ilhas do arquipélago, a qual, por sua vez, sofre incuravelmente com as ameaças da erosão e com longos anos de estiagem, como apontam Martins e Rebelo (2009, p. 70):

Trata-se de uma zona climática anticiclónica, que separa a zona quente e húmida intertropical da zona temperada. A chuva é escassa e altamente variável. Fonseca (1963) sobre a irregularidade das chuvas no arquipélago, considerava um período de 23 anos de crises graves de precipitação escassa e um período de 11 anos de crises menos graves.

A evocação das “ameaças” que paira sobre as “montanhas majestosas” reflete, possivelmente, um sentimento de insegurança ou incerteza. Isso pode ser relacionado à sensação de partida forçada ou à decisão de deixar a terra natal...devido a fatores desafiadores. Em relação às montanhas, o geógrafo Yi-Fu Tuan explica que

Na representação do espaço, existe um dualismo, evidente na identificação da montanha como o mundo superior e o mar, como o mundo inferior. Estas são oposições polares: da montanha vem água fresca que simboliza a vida, enquanto a direção do mar é a de calamidade, doença e morte. Mediando os extremos e recebendo influências de ambos, está o madiapa, o mundo central do homem (...). Em Bali Central, o norte e leste (as direções da montanha e do nascente) simbolizam as influências positivas e benéficas do mundo superior; o oeste e o sul (as direções do mar e do poente) simbolizam os efeitos nefastos do mundo inferior. O centro é o madiapa, a esfera intermédia do homem que é golpeada pelos ventos de ambos os lados (Tuan, 2012, p. 26).

Nesse contexto, a montanha representa um ponto de elevação na paisagem local, um lugar onde o cabo-verdiano se sente capaz de realizar todas as suas potencialidades. No entanto, essas possibilidades são limitadas por fatores externos à montanha.

Seguindo, é importante considerar como a descrição das águas nas ribeiras se relaciona com a vivência e a identidade das pessoas em Cabo Verde. Em consonância com os pensamentos de Dardel (2012, p. 20), a água “coloca em movimento o espaço [...]”. A água corrente, porque é movimento e vida, aplaina o espaço”, podemos perceber a água do local como algo que se sobressai em relação ao restante da paisagem por serem muitas, como vemos no verso que descreve a “bárbara melodia” das águas nas ribeiras de Cabo Verde, mencionando algumas delas, como Ribeira-Grande, Ribeira do Paúl e Ribeira da Tôrre.

As águas das ribeiras são descritas como às vezes "crescem rumorosas, caudalosas, e levam árvores, casas, pedregulhos!", apresentando ao leitor a dubiedade que pode ser encontrada na figura aquática, como explana Éric Dardel:

O *riso* das águas, o trinado ou a canção do riacho, sonoridades alegres da cascata, a amplidão feliz do grande rio. Apelo à alegria, vivacidade material do espaço, juventude transparente do mundo. Mas o espaço aquático é também o da descrição. Algo reservado e calmo. Fala-se de bom grado do murmúrio das águas, do sussurro dos riachos. O canto das águas parece cheio de subentendidos, como sua claridade é cheia de claro-escuros. E o espaço líquido para, se espalha na imobilidade real do lago. Mas o vasto silêncio das águas não é da mesma natureza que o grande silêncio da floresta; sua imobilidade não tem o mesmo valor que a fixidez da planície; é uma imobilidade retida, recolhida, um repouso logrado de uma inquietude (Dardel, 2017, p. 20-21).

Neste contexto, podemos observar uma relação entre as pessoas e as ribeiras, visto que as ribeiras são uma parte significativa da paisagem cabo-verdiana e têm uma conexão profunda com a vida das pessoas, muito por ser a fonte que faz com que a escassa agricultura ainda possua um breve fôlego de vida, mas, como pontua o poema, também podem ser fonte de destruição ("levam árvores, casas, pedregulhos!"). A descrição das águas como "bárbara melodia" reflete a intensidade das águas que flutuam nas ribeiras e como essa dinâmica natural é uma parte intrínseca da experiência vivida pelas pessoas.

Também há uma menção de que as águas das ribeiras podem levar "casas". Essa ideia sugere a vulnerabilidade das comunidades à ação das forças naturais. Isso pode lembrar-nos dos desafios que as pessoas enfrentam em um ambiente geográfico caracterizado por eventos climáticos extremos, tais como em Santo Antão. A referência de casas sendo carregadas para além também se caracteriza como uma metáfora para a instabilidade da vida e a necessidade de resiliência diante de tais desafios, pois "a civilização moderna multiplicou as facilidades as tentações dessa relação concreta com o espaço móvel do mar" (Dardel, 2017, p. 21). Contudo, ao destacar como as ribeiras, em alguns momentos, aumentam em volume e força, carregando consigo elementos naturais como árvores e pedregulhos, há uma simbolização de interação constante entre os elementos naturais e as comunidades humanas em Cabo Verde. As águas das ribeiras não só podem representar uma força vital que molda e influencia a vida das pessoas, mas também algo que pode trazer imenso sofrimento, confirmando, mais uma vez, esse caráter dúbio que a água pode apresentar, a depender do contexto.

Ao prosseguirmos a leitura de “Ilhas”, há a adição de outras ilhas de Cabo Verde. A segunda estrofe é iniciada com “S. Vicente...”, referindo-se à ilha de São Vicente. A menção à ilha no início do verso destaca a importância desse lugar específico. A geografia, as características naturais e a localização da ilha de São Vicente desempenham um papel fundamental na formação da identidade da comunidade local. A menção à “miragem do Pôrto Grande” pode evocar a imagem icônica do porto da cidade de Mindelo, o Porto Grande, que foi, por muito tempo, um ponto crucial para a atividade econômica, social e cultural da ilha:

O Porto Grande de São Vicente, em Cabo Verde, era o terceiro vértice do polígono atlântico, que tinha os outros dois vértices nos Açores (Horta ou Ponta Delgada, as opiniões da época e dos autores atuais dividem-se) e em Lisboa. Em termos estratégicos internacionais, o triângulo São Vicente (Cabo Verde/Portugal) – Dakar (Senegal/França) – Freetown (Serra Leoa/Grã-Bretanha), era reconhecido como uma das portas de entrada das rotas vindas do Sul em direção à Europa do Norte e Mediterrânica, não só por questões relacionadas com a necessidade de abastecimento, água e carvão, mas, também, porque a partir de 1917 o sector se transformou numa zona de formação de comboios de proteção naval (Salgado; Lopes, 2017, p. 11-12).

A referência à “miragem” sugere que o porto não seja apenas um local físico, mas também um símbolo da esperança e das aspirações dos habitantes da ilha, pois o porto também simboliza essa entrada e saída do país, a busca de aspirações maiores. O porto é o ponto de chegada e partida das embarcações, simbolizando transições e mudanças. Pode representar a passagem do tempo, a chegada de novas oportunidades ou o início e término de jornadas (Chevalier; Gheerbrant, 2019), da mesma forma que a miragem, esse elemento simbólico que não se vê ao certo, que é encontrado no porto, é obtido por esse desejo e esperança de partir, de transacionar, ainda que não se saiba se aquilo poderá ser, de fato, uma realidade.

As referências a “Gin, Whisky, o tabaco loiro” podem representar produtos do comércio e da influência colonial europeia em São Vicente. De acordo com Resende (2014), esses itens eram frequentemente associados às relações comerciais e culturais com países estrangeiros, como os britânicos. Eles podem simbolizar tanto a influência cultural quanto as relações econômicas que moldaram a ilha. A presença dos britânicos nas referências aos “Inglêses” evoca a história colonial de Cabo Verde e o impacto duradouro desse período, algo que os claridosos se empenhavam em deixar para trás. Ao mesmo tempo, a menção a produtos estrangeiros como gin e whisky pode indicar a influência da globalização e da interconexão entre diferentes

partes do mundo. O verso traz à tona elementos econômicos, culturais e tecnológicos que moldaram a experiência das pessoas na ilha e destaca como esses aspectos geográficos e culturais estão entrelaçados na formação da identidade local. De certa forma, diferentes diásporas culminaram para o nascimento de Cabo Verde, resultado da hibridização de diferentes mundos, pois, com explica Hall (2006, p. 40), “as culturas, é claro, têm seus ‘locais’. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originaram”.

Já iniciando a terceira estrofe, o verso "Todos passaram - Chineses, Negros, Americanos, Holandeses – Todos passaram e deixaram, por acaso, a sua raça no ventre das meretrizes do pôrto...", sob a lupa da GHC, vemos a clara representação das influências culturais e étnicas que se entrelaçam em um local de encontro, como um porto ou uma cidade cosmopolita, já que, consonante com os pensamentos de Augé, esses espaços são ambientes que não despertam nenhuma forma de pertencimento ao indivíduo, apresentando em seu cerne apenas a função de mobilidade. Em suas palavras, “por não-lugar designamos duas realidades complementares, porém distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços” (Augé, 1994, p. 87). Logo, embora seja um ambiente que enriqueça S. Vicente, esse porto não chega a despertar sentimentos afáveis a quem por lá passa.

Nesse contexto, o poema sugere que diferentes grupos étnicos e culturais passaram por esse lugar, contribuindo para uma mistura de identidades e origens. A menção de "deixaram, por acaso, a sua raça no ventre das meretrizes do pôrto" pode ser lida como uma referência às relações interculturais e interétnicas que ocorrem em locais de comércio e interação. A ideia é que essas relações resultam em uma diversidade de experiências e influências compartilhadas, criando para Cabo Verde, portanto, a famosa identidade híbrida, tão presente nos escritos de autores que estudam diáspora e exílio. Hall explica:

[...]o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p.13).

Esse verso é muito interessante, pois é um trunfo ao ressaltar a complexidade da identidade e da cultura em espaços onde diferentes grupos se encontram e interagem, frutos de uma globalização que deixa os traços de suas origens e histórias se entrelaçarem e se transformarem, pois como Hall esclarece, a

'globalização' se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. A globalização implica um movimento de distanciamento da ideia sociológica clássica da 'sociedade' como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço. (Hall, 2006, p. 67-68).

No verso de Barbosa, "A miragem, A decadência do Pôrto Grande... Santa Luzia deserta... S. Nicolau é um presepe que se desfez...", é possível perceber elementos que podem ser abordados dentro de um contexto propício a uma leitura sob a ótica da GHC. Podem ser interpretados à luz da Geografia Humanística Cultural como uma evocação de lugares e espaços que carregam significados culturais profundos para a comunidade. A menção à "miragem" e à "decadência" do Pôrto Grande sugere uma transformação e a perda de um lugar outrora importante, possivelmente associado a memórias e experiências compartilhadas, pois, como explica Feitosa (2013, p. 194), ao parafrasear Tuan (1975, p. 165), o "espaço é futuro e lugar, o presente e o passado", portanto a referência a Santa Luzia e S. Nicolau, assim como o presepe desfeito, traduz a perda de tradições e elementos culturais que, em tempos passados, eram significativos para a comunidade local, como o porto, que com o fim da segunda guerra, perdeu valor para aquela localidade. Essa percepção de mudança e desvanecimento de lugares e práticas culturais pode evocar sentimentos de nostalgia e saudade.

As recordações do passado, as lembranças das missas solenes e da Sé trazem a conexão entre o espaço físico e as experiências emocionais e religiosas dos cabo-verdianos. Tais sentimentos e memórias podem contribuir para a construção da identidade cultural local e para a maneira como as pessoas se relacionam com seu ambiente.

Prosseguindo a leitura, há a descrição de elementos da paisagem como a "Ilha do Sal, das areias brancas" e as "marinhas brancas," concebidas como símbolos da natureza dominante e da topografia do lugar. As "cristalites de sal ao Sol por todos os

lados" mostram a intensidade do ambiente natural, a interação entre a luz do sol e os minerais presentes no solo. O sal, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2019, p. 797), "também simboliza a incorrutibilidade", ou seja, algo íntegro, ressaltando, assim, as qualidades daquela terra.

A menção aos "caranguejos lentos invadindo as ruas mortas" e às "longas noites neurasténicas" pode evocar um sentido de melancolia e uma conexão entre a natureza e as emoções humanas, algo natural quando pensamos em sentimentos topofílicos. Como explicou Tuan (2012, p. 135), "a palavra 'topofilia' é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente material". Desse modo, os sentidos atribuídos às ruas e às noites da cidade estão atrelados à percepção de mundo oriunda do eu-lírico".

Isso reflete a ideia da Geografia Humanística Cultural de que os espaços físicos e as experiências emocionais estão intrinsecamente entrelaçados. A imagem dos caranguejos invadindo as ruas pode sugerir uma invasão sutil da natureza na vida cotidiana, criando uma interação única entre o humano e o natural, até porque "o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais (Tuan, 2012, p. 139), de modo que, quando o eu poético do poema em si mostra-se em consonância com a natureza viva, desperta no leitor a sensação do quão único e especial é aquele lugar que lhe ainda permite experienciar a paisagem plenamente.

Além disso, a alusão às "longas noites neurasténicas" pode expressar um estado de espírito melancólico ou contemplativo, destacando a influência do ambiente na saúde emocional das pessoas. Tuan explica a relação existente entre saúde e topofilia, deixando claro que, em alguns momentos, ambas se relacionam intimamente:

Pode parecer forçado detectar qualquer relação entre a sensação de bem-estar e, digamos, um bom desjejum e o santo fervor de um poeta cristão como Traherne. Mas, o fato de que as palavras 'saúde', 'totalidade', e 'integridade', estejam etimologicamente ligadas, sugere um fato comum. Uma pessoa comum abraça o mundo do golfe em um transbordamento temporário de bem-estar, o corpo sublima (plenitude) o próprio mundo. Caracteristicamente, este sentimento depende menos de circunstâncias externas do que condição interna do sujeito [...] (Tuan, 2012, p. 143).

Isso ressalta como o ambiente não apenas molda as experiências físicas, mas também as experiências emocionais das pessoas que nele vivem.

Os termos "Mornas a dançar," "corpo sensual das raparigas" e "nas cantigas" podem ser lidos como uma fusão de elementos da natureza e da expressão cultural, portanto, reflete a visão da Geografia Humanística Cultural de que a cultura e o ambiente físico estão intrinsecamente ligados. A dança das mornas e o corpo sensual das "raparigas" são uma manifestação cultural que é moldada pelo ambiente e se torna parte da identidade local.

A menção à "dispneia das ondas bravas morrendo no areal" e ao "rolar das ondas mandas e langues" cria uma imagem sensorial e emocional, conectando as características físicas do ambiente marítimo com a experiência emocional das pessoas que vivem nele. Através dessa perspectiva, o verso de Jorge Barbosa captura a complexidade da interação entre os aspectos naturais, emocionais e culturais de um lugar, manifestando no poema como a experiência humana é influenciada pelo ambiente físico e, ao mesmo tempo, moldada por significados culturais e sentimentos individuais, pois, como comenta Dardel (2015, p. 31), "o homem exprime sua relação geográfica com o mundo a partir do ordenamento do solo".

Por meio da linguagem poética, o poema elucida a existência de uma conexão profunda entre os elementos naturais e a vida cotidiana das pessoas. A descrição de "Boa-Vista, a cena imprevista das areias marchando sobre a Vila" pode ser entendida como uma representação da relação entre a natureza e a urbanização. A presença das areias marchando sobre a Vila sugere uma interação entre a paisagem natural e o ambiente construído, destacando a dinâmica entre a força da natureza e a intervenção humana:

O espaço construído pelo homem pode aperfeiçoar a sensação e a percepção humana. É verdade que, mesmo em forma arquitetônica, as pessoas são capazes de sentir a diferença entre interior e exterior. [...] As pessoas sabem melhor quem elas são e como devem se comportar quando o ambiente é planejado pelo homem e não quando o ambiente é a própria natureza (Tuan, 2013, p. 128).

Quando o poema faz referência ao "Queijo de Maio saboroso e são nos lanches humildes com melão em anos de fartura", cria uma imagem da alimentação local, na qual os produtos tradicionais são combinados em refeições simples e significativas. Isso ressalta a interação entre a cultura alimentar, os recursos naturais disponíveis e

as práticas cotidianas das pessoas, até porque, como podemos lembrar, a agricultura é a principal forma de produção econômica de Cabo Verde.

Ao analisarmos o verso "relembrem trágicas visões e ribombos ecoando pela serra", podemos interpretá-lo como uma forma em que as características naturais despertam emoções e memórias humanas. Além disso, o verso enfatiza a conexão entre o povo local e sua terra, destacando o "sangue rebelde e másculo das gentes" e o "ardor das lavas incandescentes." Isso ilustra como as identidades culturais e emocionais são fortemente enraizadas no ambiente físico e nas experiências passadas. A menção aos emigrantes e à América também reflete a diáspora e a ligação emocional com lugares distantes. Inclusive, em uma leitura que priorize mais a questão diaspórica, podemos ver em determinados momentos a quebra da identidade do povo, fragmentada pela vivência da colonização e de diversos atravessamentos. A menção à "miragem do Pôrto Grande" e ao "Gin, Whisky, o tabaco loiro e o carvão e o telégrafo dos Inglêses" exterioriza a imagem de uma terra distante com promessas de riqueza e novas oportunidades. Isso pode ser associado ao desejo de uma vida melhor ou à busca por melhores condições de vida, muitas vezes uma motivação central para a diáspora:

A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda a parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor (Hall, 2006, p. 31).

O trecho que fala sobre diferentes grupos étnicos que "deixaram, por acaso, a sua raça no ventre das meretrizes do pôrto" pode ser lido como uma representação das interações culturais e étnicas que ocorrem em portos e locais de encontro, fruto de uma globalização que "coincide com a era da exploração e da conquista europeias e com a formação dos mercados capitalistas mundiais" (Hall, 2006, p. 38). Portanto, podemos inferir a ideia de que essas diásporas resultaram em uma mistura de identidades e origens.

A menção a ilhas específicas, como "S. Nicolau é um presepe que se desfez," e a descrição de lugares, eventos e tradições que permanecem nas memórias do povo local ilustram a conexão emocional com a terra natal e o sentimento de pertencimento, mesmo quando distantes. É perceptível o sentimento de lugaridade quando há a referência às tantas ilhas que compõem o arquipélago, ou seja, ambientes em que

há “ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência” (Relph, 2014, p. 31). O poema continua a retratar a saudade, como nas "saudades crioulas das mornas de Eugénio," sempre trazendo a nostalgia à tona. Essa nostalgia é um sentimento muito característico daqueles que vivem em diáspora, como evidencia Clifford, ao dizer que as vivências oriundas da diáspora criam “experiências de separação e entrelaçamento, de viver aqui e lembrar/desejar outro lugar” (Clifford, 1998, p. 25).

O poema seguinte a preencher nossa análise, como dito previamente, trata-se de “Povo”. Dentre os poemas da coletânea, “Povo” é, provavelmente, o poema que versa de forma mais direta sobre os dilemas do cabo-verdiano quanto aos dissabores oriundos da colonização e às marcas dessa ferida. Segue, abaixo, o poema na íntegra:

POVO

a Osório de Oliveira

Conflito numa alma só  
de duas almas contrárias  
buscando-se, amalgamando-se  
numa secular fusão;

conflito num sangue só  
do sangue forte africano  
com o sangue aventureiro  
dos homens da Expansão;

conflito num ser somente  
de dois polos em contacto  
na Insistente projecção  
de muitas gèrações...

N'alma do povo ficou  
esta ansiedade profunda  
- qualquer coisa de indeciso  
entre o clima tropical  
e o espelho de Portugal... (Barbosa, 2017, p. 32).

O texto inicia-se com uma reflexão sobre a complexidade da identidade e das emoções humanas, destacando a dualidade e os conflitos internos que muitas vezes definem as experiências individuais, cada uma singular a seu próprio modo, como pontua Tuan ao dizer que “experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (Tuan, 2013, p. 18). A referência a "Conflito numa alma só / de duas almas contrárias" sugere uma luta interna, talvez entre diferentes aspectos da personalidade, desejos, valores ou influências culturais. Essa dualidade interna é

representada como "duas almas contrárias," que podem simbolizar forças ou perspectivas opostas dentro de uma única pessoa. Este conflito dual é natural de indivíduos que tenham o destino exílico em suas formações, visto que há uma fragmentação identitária oriunda da partilha de duas bandeiras em seu DNA. Nouss (2016, p. 31) confirma esse pensamento, ao retratar que "essa fragmentação identitária é a herança do sujeito exilado".

A frase "buscando-se, amalgamando-se / numa secular fusão" sugere uma busca constante por harmonia ou equilíbrio entre duas partes contrastantes da identidade, mas essa busca não é muito bem-sucedida. Isso ocorre porque as pessoas que vêm de uma experiência de exílio muitas vezes vivem uma vida complexa e confusa, marcada por uma sensação de dissimulação e até mesmo vergonha, tanto social quanto psicologicamente. Elas estão permanentemente nesse estado de confusão mental. A expressão "secular fusão" descreve um processo longo e contínuo de tentativas e erros na busca por reconciliação interna.

A estrofe pode ser lida como uma representação poética da complexidade da natureza humana e das emoções, bem como das tensões e conflitos que podem surgir quando diferentes aspectos da identidade entram em choque. Ela sugere que essa dualidade e conflito são intrínsecos à condição humana e que a busca pela coexistência pacífica entre essas "almas contrárias" é uma parte fundamental da jornada individual. Essa interpretação também pode ser vista em paralelo com as experiências de diáspora e exílio, onde os indivíduos se veem divididos entre diferentes culturas, valores e identidades, enfrentando conflitos internos em sua busca por integração e harmonia. Outro ponto de relevância é a dualidade das "duas almas contrárias" que clareia a luta entre a identidade de origem e a identidade adquirida no novo ambiente, pois o "exílio é a experiência que mais se assemelha às circunstâncias que ilustram, ou actualizam, a necessidade de evasão do ser que se declina em consciência *de e para* o outro" (Nouss, 2016, p. 48).

A menção a "conflito num sangue só / do sangue forte africano / com o sangue aventureiro / dos homens da Expansão" pode ser interpretada como uma alusão às complexas conexões entre diferentes origens étnicas e históricas. O "sangue africano" representa a ancestralidade e a identidade de origem, enquanto o "sangue aventureiro dos homens da Expansão" denota a influência das culturas colonizadoras ou das nações que estiveram envolvidas na expansão marítima. A busca pela

"amalgamação" e pela "secular fusão" pode ser vista como uma tentativa de reconciliar essas identidades contrastantes e criar uma identidade única, que incorpora tanto as raízes originais quanto as influências adquiridas por meio do contato com outras culturas, algo que, entretanto, não é possível, pois "a exilância dá-se a sentir e a entender nessa simultaneamente tensão e troca entre o indizível e o dizível do duplo país" (Nouss, 2016, p. 89).

Ainda sob a perspectiva da diáspora e do exílio, essa estrofe reflete a experiência daqueles que foram forçados a enfrentar conflitos internos e externos, à medida que navegam por diferentes culturas, identidades e influências. Destaca brilhantemente a busca por uma síntese, uma fusão entre diferentes partes de si mesmos, enquanto continuam a carregar as marcas de suas origens e histórias.

A menção ao "conflito num ser somente / de dois polos em contacto" é concebida como uma alusão ao conflito interno enfrentado por indivíduos ou comunidades que experimentam a diáspora. Esses dois polos podem representar a terra natal e o local de destino, cada um com suas próprias influências culturais, geográficas e históricas. O "conflito" surge da tentativa de navegar entre esses dois polos, mantendo uma conexão com suas raízes enquanto se adaptam a um novo ambiente, podendo, assim, haver a condição de não-lugar exílico para esta terra. Nouss elucida que "o que é característico do não-lugar exílico é abrir até ao infinito todo e qualquer espaço, fazer dele um lugar atravessado por correntes vindas do exterior" (Nouss, 2016, p. 107), algo intrínseco aos povos retratados no poema, que vivem nessa eterna condição de ter que segmentar suas vivências próprias a partir da vivência de outros povos que interpelam suas ilhas.

A expressão "Insistente projecção / de muitas gerações" destaca a persistente transmissão de influências culturais e históricas ao longo do tempo, moldando a identidade daqueles que vivem em um lugar distante ou em um não-lugar de exílio, onde, como afirmou Nouss (2016, p. 112), "o exilado habita simultaneamente no seu presente e no seu passado". Essa projeção pode ser vista como um lembrete constante das origens e da história de um povo, mesmo quando eles estão geograficamente distantes de suas raízes. A referência à "ansiedade profunda" na alma do povo pode ser interpretada como a tensão emocional vivida por aqueles que estão em diáspora, sentindo-se divididos entre duas realidades e incertos sobre a que lugar realmente pertencem. A mencionada indecisão "entre o clima tropical / e o

espelho de Portugal" pode simbolizar a luta entre a cultura de origem e as influências do local de destino, bem como o desejo de se integrar em um novo ambiente sem perder a conexão com suas raízes, transformando assim o exilado em um personagem, "um actor que tanto pode estar parado no palco como a percorrê-lo de um lado para o outro, nervoso; é aquele que repete até que o texto lhe saia com naturalidade e ele possa estabelecer relações estreitas com aquilo que o cerca (Nouss, 2016, p. 113).

Esta última estrofe também representa muito do ideal dos claridosos, de abandonar esta mimetização dos portugueses e construir uma identidade própria para si, entretanto, como as amarras de Portugal ainda se faziam presentes na vida dos cabo-verdianos, era muito natural que as influências portuguesas permanecessem, ainda que de modo sutil.

Por fim, em nossa trajetória por *Arquipélago* (1935), chegamos ao poema "Destinos", que em seu próprio título já carrega a ideia de partir, deixar um local.

#### DESTINOS

Destroços de que continente,  
de que cataclismos,  
de que sismos...?

Ilhas perdidas,  
esquecidas  
num canto do mundo...

Destroços de um naufrágio!...  
... Mas o naufrágio continua... (Barbosa, 2017, p. 37).

As "Ilhas perdidas, esquecidas / num canto do mundo" podem ser vistas como um reflexo da geografia única de Cabo Verde, isoladas e distantes de continentes principais. A cultura dessas ilhas foi moldada pela sua localização geográfica, resultando em uma identidade única perpetuada por uma sensação de isolamento. Já, sob os olhos da diáspora, percebemos muitas palavras que evocam perda e o sentimento de solidão. Essa solidão típica do arquipélago pode ser caracterizada no poema por um sentimento denominado como insílio. Como sugere Volpe (2005): "[...] o insílio, enfim, como cisão dentro da própria cultura" (Volpe, 2005, p. 81). Os indivíduos neste estado, além de estarem apartados de sua própria origem física, também experienciam esta vivência de forma interna, causando novamente a

incessante ideia de um não-lugar, onde sempre há uma “tensão solitária” (Augé, 1994, p. 87), a qual não permite que esse indivíduo encontre paz e afago junto ao seu lugar.

Essa sensação de não pertencimento gera um sentimento de topofobia, uma aversão ao lugar, e de apinhamento, levando a pessoa a um constante estado de restrição à sua liberdade. Quanto ao apinhamento, Tuan elabora:

O que é apinhamento? Podemos dizer que uma floresta está apinhada de árvores e um quarto está apinhado de bugigangas. Mas são basicamente as pessoas que nos apinham; elas, mais do que as coisas, podem restringir nossa liberdade e nos privar do espaço” (Tuan, 2013, p. 78).

Essa sensação é inerente ao eu lírico do poema, que persiste em considerar sua terra como um lugar arrasado, esquecido, perdido em um canto qualquer do planeta. Essa intensidade de repetição do quão nefasto é seu espaço reforça a ideia de topofobia, pois, de acordo com os pensamentos de Tuan (2013), a topofobia não permite que haja o desenvolvimento de sentimentos de pertencimento e segurança necessários para o sentir-se confortável, o que acaba criando um ambiente que reforça como medo, ódio, ira, todos em aversão ao espaço.

O "naufrágio" pode simbolizar a perda e o deslocamento das culturas africanas devido à escravidão, colonização e diáspora forçada. A ideia de que o "naufrágio continua" sugere que os efeitos desses eventos históricos ainda persistem, levando a uma desconexão contínua e uma busca por identidade e pertencimento.

Dentro do contexto colonial, as palavras "Destroços de que continente, / de que cataclismos, / de que sismos...?" podem ser interpretadas como uma reflexão sobre a destruição e a desestabilização causadas pela colonização europeia na África. Os "cataclismos" e "sismos" fazem alusão ao impacto massivo do imperialismo europeu nas terras e culturas africanas, resultando em deslocamentos forçados e, conseqüentemente, na perda de uma identidade “original”. Sendo assim, em uma perspectiva de massacres coloniais e diásporas causados pelo imperialismo europeu, o poema de Jorge Barbosa ganha uma dimensão ainda mais profunda. As palavras podem evocar a sensação de devastação cultural e geográfica causada pela colonização, bem como o impacto duradouro desses eventos traumáticos nas vidas das pessoas afetadas.

Cada palavra do poema, especialmente aquelas que evocam destruição, isolamento e continuidade do naufrágio, pode ser vista como uma representação das

complexidades da experiência colonial e suas consequências na diáspora africana (Mbembe, 2019). Através dessa leitura, o poema de Barbosa ecoa as vozes daqueles que foram afetados pela exploração imperialista e nos convida a refletir sobre a interseção entre geografia, cultura, exílio e história.

A imagem dos "Destroços de um naufrágio!... / ... Mas o naufrágio continua..." sugere a persistência do exílio e da diáspora nas vidas das pessoas. O exílio é representado como um estado contínuo, não apenas um evento isolado. A pergunta "Destroços de que continente, / de que cataclismos, / de que sismos...?" evoca uma reflexão sobre a história e os eventos que levaram aos destroços metafóricos mencionados. As referências a "cataclismos" e "sismos" podem ser entendidas como os eventos históricos, incluindo o imperialismo e a colonização, que causaram deslocamento e trauma nas culturas africanas, como Mbembe ressalta esse aprisionamento provindo da colonização, que "havia trancado uma parte importante do globo numa rede imensa de dependência e dominação" (Mbembe, 2019, p. 21). Os claridosos, dentre eles Barbosa, buscavam abrir as portas do porão criado pelo imperialismo colonial que subjugou Cabo Verde, seguindo uma linha de pensamento muito similar de Fanon (2003), de abandonar quaisquer resquícios europeus que ainda mutilavam suas histórias.

O poema também aborda a memória coletiva ao questionar "Destroços de que continente...". Em concordância com Maurice Halbwachs (2003, p. 29), "recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós". Essas memórias moldam a identidade das pessoas, influenciando sua conexão com suas raízes e sua compreensão do mundo, fazendo-as criarem laços com seus semelhantes, pois procuram preencher possíveis lacunas imaginárias. Assim, essa linha de pensamento, criada por Barbosa dentro do poema, sugere que as memórias de deslocamento e traumas coletivos estão presentes nas histórias, sendo transmitidas ao longo das gerações, perpetuando-se no imaginário cabo-verdiano.

A imagem de "Destroços de um naufrágio!... / ... Mas o naufrágio continua..." evoca a ideia de um evento traumático ou catastrófico, ao mesmo tempo em que estabelece um paralelo com os tempos das colônias e da escravidão, uma vez que naufrágios eram situações frequentes nesse contexto histórico. A utilização dessa

metáfora pode representar as experiências históricas de deslocamento, diáspora e perda que moldaram a memória coletiva. A ideia de que o "naufrágio continua" sugere que os efeitos desses eventos continuam a impactar a identidade e a cultura, já que, apesar das tentativas de desvencilhar-se desse mundo do colonizador, ele ainda se mantinha muito presente na vida coloquial do cabo-verdiano, espalhando sua miséria dentro do seio do povo. Ao abordar o "naufrágio que continua", o poema sugere que a memória coletiva dos eventos passados permanece viva na consciência das pessoas. Essa persistência da memória é uma característica importante da construção da identidade, uma vez que o passado influencia a compreensão do presente. Sobre a importância da persistência dessa memória coletiva, Halbwachs explica que

A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo (Halbwachs, 2003, p. 100).

Em conjunto, o poema de Jorge Barbosa aborda a questão da memória coletiva e identidade ao explorar as raízes, as conexões históricas e as experiências compartilhadas das ilhas de Cabo Verde. As imagens de busca por origens, isolamento geográfico, eventos catastróficos e a persistência da memória criam uma narrativa que ressalta a importância da história compartilhada na construção da identidade das pessoas e de seu lugar, assim como paisagem que interpela o homem em seu âmago, criando com ele uma conexão única.

#### **4.2 O sentimento antievacionista em Ovídio Martins**

Após a Revista *Claridade* (1936) mudar para sempre os rumos da literatura cabo-verdiana ao priorizar uma literatura que, acima de tudo, valorizasse as histórias e aspectos culturais do seu próprio povo, houve outro momento de grande impacto para o estabelecimento de uma literatura nacional: o surgimento da Revista *Certeza*. Com sua estreia em 1944, nasceu como uma resposta a alguns pontos anteriormente elencados pelos claridosos (Silva, 2017).

Ao reverberar sobre a situação dos naturais do arquipélago, autores claridosos fincaram seus posicionamentos em uma dualidade muito clara: precisar imigrar para

sobreviver, apesar de seu coração estar fincado na terra africana. Sobre essa marca tão forte na literatura claridosa, Oliveira comenta: A literatura dos nove números de *Claridade* gira em torno do dilema de “querer ficar/ ter que partir”, como explicitado no “Poema de Quem Ficou”, de Manuel Lopes, inserido no terceiro número de *Claridade*. (Hamilton, 1984, p. 124).

Por meio dessa dualidade, os escritores e intelectuais iam forjando aquilo que seria chamado de evasão dos problemas que flagelavam as ilhas, chegando a sua literatura a ser conhecida como evasionista, conforme o romance de Manuel Ferreira Hora di Bai (hora da partida, hora de dizer adeus) (Oliveira, 2023, p. 72).

Para os pensadores que encabeçavam a Revista *Certeza*, essa obrigatoriedade de ter que partir soava como um abandono do lar, deixando-o sem perspectivas de melhora, como se fosse uma terra sem dono, largada às traças. Sendo assim, decidiram que sua bandeira seria confrontar essa ideologia, incorporando para si o sentimento antievasão.

A revista incorporou o movimento que veio a ser conhecido como antievasionismo, o qual possuía, como características, o apego telúrico, o enfrentamento da realidade, a esperança em dias melhores, e posicionou-se contra o evasionismo, chamado também de pasargadismo, numa proposta intertextual com o poema do brasileiro Manuel Bandeira, que, num apelo pasargadista, defendia a busca utópica por um mundo melhor, em outro lugar que não o seu, como sugeriam as poesias claridosas (Oliveira, 2023, p. 72 apud Silva, 2017, p. 12).

Dentro deste caldeirão de propostas, estava Ovídio Martins, um dos líderes desse novo e promissor movimento. Nascido em São Vicente, em 1928, Ovídio Martins foi um grande escritor e jornalista cabo-verdiano, com gigantesca participação nas lutas pela independência de Cabo Verde, algo que, inclusive, lhe rendeu um exílio para a Holanda. Chegou a matricular-se na faculdade de Direito, em Portugal, contudo não chegou a finalizar seus estudos, devido a uma série de doenças que possuía, entre elas, a quase total perda da audição.

Martins abraçou a causa contra a emigração de forma fervorosa, produzindo ensaios e poemas que ecoavam sua convicção de que o antigo dilema cabo-verdiano de escolher entre ficar ou partir não deveria mais ser uma questão real. Em seus escritos, recheados de uma ideologia que colocava a pátria cabo-verdiana acima de quaisquer destemperos locais estabeleceu uma forma de resistência ao que via como uma fuga em massa da nação:

Grosso modo, esse poeta foi militante na luta pela libertação e independência de seu país, sendo autor de uma poesia explicitamente combativa, social, marcada pela conscientização política contra o colonialismo e em prol da valorização da identidade nacional (Deon; Menon, 2018, p. 7).

#### 4.2.2 Roteiros diaspóricos em Ovídio Martins

Nesta sessão, focamos em analisar, sob o prisma da Geografia Humanista Cultural e dos preceitos da diáspora, três poemas da obra *Caminhada* (1963), de Ovídio Martins: “Flagelados do vento leste”, “Anti-evasão” e “Chuva em Cabo Verde”. Nestes poemas há um enfoque em como, a partir do ponto de vista do eu-lírico, o abandono da terra cabo-verdiana só trará mais calamidade a uma nação já tão arrasada pelas condições climáticas, culturais e sociais, sendo, portanto, poemas de resistência em sintonia com as causas da independência cabo-verdiana.

Em “Flagelados do vento leste”, o autor retoma o título do famoso romance claridoso homônimo de autoria de Manuel Lopes, assim como também dedica seu poema a Lopes. Trata-se de uma homenagem, visto que o romance de Lopes critica fortemente o salazarismo e o coloca como principal culpado pelos dissabores enfrentados pelos cabo-verdianos, pensamento apregoadado fortemente por Martins. (Oliveira, 2023).

##### FLAGELADOS DO VENTO LESTE

Para Manuel Lopes poeta e romancista patricio

Nós somos os flagelados do vento-leste!  
A nosso favor  
não houve campanhas de solidariedade,  
não se abriram os lares para nos abrigar  
e não houve braços estendidos fraternalmente  
para nós!

Somos os flagelados do vento-leste!  
O mar transmitiu-nos a sua perseverança,  
Aprendemos com o vento a bailar na desgraça,  
As cabras ensinaram-nos a comer pedra  
para não perecermos.

Somos os flagelados do vento-leste!  
Morremos e ressuscitamos todos os anos  
para desespero dos que nos impedem  
a caminhada  
Teimosamente caminhamos de pé,  
num desafio aos deuses e aos homens,  
E as estiagens já não nos metem medo,  
porque descobrimos a origem das coisas

(quando pudermos!...)

Somos os flagelados do vento-leste!  
 Os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos  
 E as vozes solidárias que temos sempre  
 escutado  
 são apenas  
 as vozes do mar  
 que nos salgou o sangue,  
 as vozes do vento  
 que nos entranhou o ritmo do equilíbrio  
 e as vozes das nossas montanhas  
 estranha e silenciosamente musicais  
 Nós somos os flagelados do vento-leste! (Martins, 2015, p. 11).

Logo no início do poema, o termo “flagelados” chama atenção. O termo “flagelados” se refere a pessoas que foram atingidas por um flagelo, ou seja, uma situação de sofrimento, desastre ou adversidade. Nesse contexto, “flagelados do vento-leste” descreve os cabo-verdianos que foram afetados negativamente pela migração forçada e pelas condições difíceis em que foram colocados ao serem enviados para trabalhar em outras regiões, como São Tomé e Príncipe, ou seja, cabo-verdianos exilados, reforçando, mais uma vez, a ideia de um não-lugar exílico, em congruência com as ideias postuladas por Nouss:

Com efeito, o exílio de que aqui nos ocupamos – o exílio de multidões de adultos, de crianças e de velhos expulsos das suas terras que se tornaram ‘irrespiráveis’ – , ganha a forma da expulsão injustificada, uma negação da justiça, um acto de violência sobre o qual nenhum tribunal deliberou. É aí que entra o sentido jurídico de ‘não-lugar’ (Nouss, 2016, p. 118).

O uso da palavra “flagelados” também rememora uma sensação de vítima de uma situação desfavorável, destacando o sofrimento e as dificuldades enfrentadas por esses indivíduos nas situações exílicas, pois, como sabemos, esse estado prolifera tamanho sofrimento que “o exilado já não acredita no seu ‘eu’ porque deixou de acreditar no mundo” (Nouss, 2016, p. 63), devido aos tantos traumas experienciados.

Importa que notemos ainda no verso o emprego do termo “abrigar. Ao dizer que “não se abriram os lares para nos abrigar”, o eu lírico denuncia o descaso com a situação insalubre vivenciada por aquelas pessoas. O verbo “abrigar” é utilizado no sentido de oferecer refúgio, proteção ou acolhimento. Na estrofe, o verso “não se abriram os lares para nos abrigar” indica que não houve disposição ou vontade de receber os flagelados do vento-leste em lares ou ambientes familiares e seguros. Essa imagem ressalta a falta de acolhimento e solidariedade por parte das demais

comunidades ou das pessoas em posições mais privilegiadas. Isso contribui para a narrativa de isolamento e abandono enfrentada por esses migrantes, que não encontraram apoio em sua jornada.

A noção de diáspora entra em cena, representando a dispersão de um grupo de pessoas de sua terra natal e a subsequente experiência de viver em um lugar novo. No poema, a expressão "flagelados do vento-leste" enfatiza a dureza dessa experiência e a ideia de que esses indivíduos foram empurrados pelos ventos em uma jornada difícil e desafiadora. A ausência de "campanhas de solidariedade" e a imagem de portas fechadas nos lares e braços não estendidos fraternalmente destacam a falta de acolhimento e suporte para aqueles que foram forçados a migrar, concordando com Nouss (2016) que reverbera como a exiliência é uma condição solitária. Isso ecoa com a experiência comum de muitos dispersos, que muitas vezes enfrentam isolamento, exploração e dificuldades em suas jornadas, logo essa estrofe do poema reflete as complexas emoções e desafios enfrentados pelos migrantes cabo-verdianos.

A repetição do termo "flagelados", durante o corpo do poema, também sugere a resiliência, a adaptabilidade e a determinação do povo retratado que enfrenta dificuldades e adversidades, mas encontra maneiras de sobreviver e superar as circunstâncias difíceis, pois como resultado da "experiência exílica, como qualquer outro fenômeno traumático, é levar ao confronto" (Nouss, 2016, p. 63), mesmo que esse confronto seja contra si mesmo, suas dúvidas, angústias e dilemas.

O termo "flagelados" continua a evocar a ideia de pessoas que enfrentam desafios significativos devido à migração forçada ou a condições adversas. O "vento-leste" refere-se aos ventos predominantes que vêm do leste, que podem ser associados ao deslocamento e à experiência difícil do povo retratado. Aqui, o mar é personificado, sugerindo que a natureza e o ambiente têm influência sobre o espírito e a atitude das pessoas. A "perseverança" do mar simboliza a capacidade de resistir e superar desafios, visto que o mar é "símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos" (Chevalier; Gheerbrant, 2019, p. 592), sendo, portanto, uma metáfora para a força interior e a resiliência que o povo desenvolveu ao enfrentar tais adversidades.

O "vento", assim como o mar, é novamente personificado, desta vez como um professor que ensina a habilidade de "bailar na desgraça". Há essa inferência porque

as pessoas aprenderam a enfrentar as adversidades com graça e flexibilidade, assim como a dança se adapta ao movimento do vento. Mesmo em momentos difíceis, eles encontraram maneiras de manter a sua dignidade e resistência. As cabras, frequentemente associadas à sobrevivência em ambientes difíceis (Chevalier; Gheerbrant, 2019), representam a sabedoria da natureza, o poder de sobreviver e se regenerar frente às catástrofes. A expressão "comer pedra" também abre leque para uma leitura simbólica, sugerindo que o povo aprendeu a extrair algo valioso mesmo de situações aparentemente inóspitas. Ressalta, assim, sua habilidade de se adaptar e sobreviver a partir dos recursos disponíveis, ainda que poucos, uma vez que até água é recurso raro em Cabo Verde.

Na passagem "morremos e ressuscitamos todos os anos," encontramos outra metáfora, desta vez relacionada à morte e à ressurreição, que evoca um ciclo comparável ao da água, que é escassa durante a maior parte do ano. Nessa perspectiva, podemos contemplar a experiência de superar adversidades persistentes e emergir fortalecidos, de forma semelhante à renovação da natureza após suas estações mais árduas. Essa resiliência é expressa de forma notável no verso "teimosamente caminhamos de pé." Essa linha destaca a perseverança do povo em continuar caminhando, apesar das dificuldades. A postura de "caminhar de pé" pode ser vista como uma atitude desafiadora e corajosa, um símbolo da luta e resistência.

As estiagens, períodos de seca, como já mencionado, são uma das adversidades mencionadas no poema. O fato de que elas "não metem medo" sugere que o povo desenvolveu uma compreensão mais profunda do ambiente e de como enfrentar os desafios que ele apresenta, principalmente se pensarmos que esse povo é composto por um grande número de agricultores. Tuan (2013, p. 141) assinala que "a topofilia do agricultor está formada dessa intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembrança e mantém a esperança", mostrando-nos esse vínculo muito estreito. Essa relação pode ser interpretada como uma evolução na relação entre as pessoas e a natureza, onde o medo é substituído pelo conhecimento e pela capacidade de adaptação. A linha final do verso, "Descobrimos a origem das coisas (quando pudermos!)", por sua vez, ressalta a busca contínua por entendimento e sabedoria em relação ao ambiente. A expressão "quando pudermos!" sugere que essa busca é constante e que, ao longo do tempo, as pessoas estão determinadas a compreender a natureza ao seu redor.

Ao nos depararmos com o verso “os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos”, há uma forte reflexão sobre um sentimento de não pertencimento e rejeição por parte dos outros, como se as pessoas da diáspora fossem esquecidas e excluídas da comunidade maior. Esse sentimento reforça a ideia de apinhamento sofrida por esses indivíduos em seus novos destinos, principalmente se pensarmos que Tuan (2013) reforça que pessoas apinham mais do que lugares em si. Além do apinhamento, também há uma clara relação com a experiência de exílio, em que os laços familiares e comunitários podem ser rompidos ou enfraquecidos.

Em seguida, somos impelidos por uma ironização no poema, pois em “as vozes solidárias que temos sempre escutado são apenas as vozes do mar, do vento e das montanhas”. As “vozes solidárias” mencionadas não são vozes humanas, mas sim elementos naturais como o mar, o vento e as montanhas, trazendo uma ideia de aconchego a esse eu lírico; aconchego esse que vem pela paisagem, não pelas pessoas. Isso reforça a ideia de isolamento e solidão, quando a conexão com a natureza assume o papel de companhia e conforto, colocando o sentimento de topofilia em foco no poema. Ao final, existe uma profunda interação e assimilação com o ambiente, mostrando como as pessoas da diáspora foram afetadas física e emocionalmente pelas condições do exílio. Por fim, a imagem do mar salgando o sangue pode simbolizar a conexão visceral com a terra natal, sendo, ao final, o mar de Cabo Verde sua única companhia.

Talvez o poema mais conhecido de *Caminhada* (1963) seja “Anti-evasão”, que carrega em seu título toda a ideologia ecoada por Martins. O poema, apesar de curto, torna-se enorme em sua importância e intencionalidades. Vejamo-lo na íntegra:

#### ANTI-EVASÃO

Ao camarada poeta João Vário

Pedirei  
Suplicarei  
Chorarei

Não vou para Pasárgada

Atirar-me-ei ao chão  
e prenderei nas mãos convulsas  
ervas e pedras de sangue

Não vou para Pasárgada

Gritarei  
Berrarei  
Matarei

Não vou para Pasárgada (Martins, 2015, p. 11).

“Pasárgada” é um termo que tem sido usado em poesia e literatura para se referir a um lugar imaginário ou idealizado, geralmente associado a um refúgio utópico ou a um local de felicidade e realização pessoal. A referência mais conhecida é ao poema " Vou-me embora pra Pasárgada", do poeta brasileiro Manuel Bandeira. No poema, Pasárgada é retratada como um lugar onde o poeta poderia encontrar liberdade, prazer e satisfação, em contraste com as restrições e frustrações da vida real. A imagem de Pasárgada no poema de Manuel Bandeira se tornou icônica e é frequentemente usada para expressar o desejo de escapar das pressões e responsabilidades da vida cotidiana em busca de um local idealizado onde se possa ser verdadeiramente feliz. Martins ironiza esse local, visto pelos poetas antigos como um caminho ideal para fugir das frustrações da terra cabo-verdiana.

O poema é claro em expressar uma atitude de recusa ou negação em relação a Pasárgada, indicando que o eu lírico não irá para lá, não importa o que faça, tendo tamanha ojeriza pela terra estrangeira. O eu lírico menciona ações intensas e até violentas que ele está disposto a realizar, como atirar-se ao chão, segurar ervas e pedras de sangue, gritar, berrar e matar, contanto que isso o livre de estar em Pasárgada. Essa Pasárgada claramente desperta no eu lírico os piores sentimentos possíveis, sendo um claro caso de topofobia, na medida em que ele não consegue sentir nenhuma forma de apreço por esse espaço. A repetição do verso "Não vou para Pasárgada" expressa uma decisão firme e até mesmo desafiadora de não se envolver ou se submeter a esse idealizado local de perfeição, como quem grita e bate no peito que, para ele, Cabo Verde basta. Desse modo, há a indicação de uma atitude de resistência contra a ideia de escapar para um lugar utópico, refletindo, assim, uma luta em relação à realidade e uma busca por enfrentar as dificuldades da vida de frente, em vez de se refugiar em sonhos inalcançáveis, de que a vida seria melhor em algum ponto de imigração. Logo, o entendimento de "Pasárgada" nesse poema é de um lugar ou estado idealizado que o eu lírico rejeita de maneira decisiva, optando por lidar com as realidades e desafios presentes em vez de buscar uma fuga utópica.

O eu lírico rejeita ou sente aversão a Pasárgada, possivelmente, porque ele percebe esse lugar como inatingível, irreal ou mesmo opressor de alguma maneira, mais uma vez, sentindo-se apinhado pelos ideais de seus contemporâneos, sentindo-se acanhado e sobrecarregado por multidões e por excesso de estímulos que dizem que essa inatingível Pasárgada é melhor que Cabo Verde.

No poema, as ações intensas mencionadas, como atirar-se ao chão, segurar ervas e pedras de sangue, gritar, berrar e matar, são uma resposta à sensação de apinhamento emocional ou mental, e a repetição dessas ações indica uma tentativa clara de se libertar e aliviar essa pressão interna, como se o eu lírico estivesse desesperado por um alívio da opressão que sente, porém opressão vinda de seus compatriotas, estando assim em uma condição insílica (Volpe, 2006), onde não encontra pertencimento nem entre os seus.

No poema, a repetição de verbos no futuro do presente do indicativo ("Pedirei, Suplicarei, Chorarei", "Atirar-me-ei, Prenderei", "Gritarei, Berrarei, Matarei") retrata uma intensa carga emocional e psicológica. Essas ações podem ser interpretadas como uma manifestação das emoções do eu lírico diante da ideia de Pasárgada. A negação contínua e enfática de ir para Pasárgada indica uma rejeição profunda desse lugar idealizado, possivelmente porque o eu lírico considera esse local como inatingível, irreal ou não correspondente à realidade. A expressão "Atirar-me-ei ao chão e prenderei nas mãos convulsas ervas e pedras de sangue" pode ser vista como uma representação simbólica da tentativa de agarrar algo tangível e real diante da ilusão de Pasárgada. As ações verbais sugerem uma luta interna intensa, possivelmente resultado da frustração e da sensação de desamparo diante das expectativas impossíveis.

Os verbos repetidos em gradação de intensidade ("Pedirei, Suplicarei, Chorarei", "Atirar-me-ei, Prenderei", "Gritarei, Berrarei, Matarei") sugerem uma intensa angústia e desespero, evocando uma sensação de luta e busca por algo significativo. A negação constante de ir para Pasárgada pode ser vista como uma rejeição à ideia de alcançar um lugar utópico e idealizado. Nesse contexto, a diáspora pode ser interpretada como um sentimento de desenraizamento e dispersão, em que o eu lírico parece não encontrar um lugar de pertencimento ou uma terra natal que o acolha. As ações verbais podem representar uma tentativa desesperada de estabelecer algum tipo de conexão ou sentido em meio a essa sensação de dispersão.

Além disso, o exílio pode ser entendido como uma experiência de afastamento, não apenas geográfico, mas também emocional. O ato de atirar-se ao chão e prender ervas e pedras de sangue pode simbolizar uma busca por ancoragem e conexão com algo tangível e real, possivelmente representando a ânsia de encontrar um lugar ou uma identidade. As expressões "Gritarei, Berrarei, Matarei" podem ser interpretadas como uma expressão da intensidade emocional e da luta interna do eu lírico diante das sensações de exílio e desenraizamento, portanto a leitura do poema sob a perspectiva de diáspora e exílio destaca os sentimentos de desenraizamento, dispersão e busca por pertencimento, bem como a angústia e a luta emocional do eu lírico diante dessas experiências:

Sem dúvida, o poema de Ovídio tem uma outra dimensão significativa. Ali certamente ele está a falar de seu país, Cabo-Verde, e da necessidade de ali permanecer, mesmo sendo torturado pelas agruras do colonizador; resistir a fim de lutar e gritar pela liberdade de seu povo (Deon; Menon, 2018, p. 23).

Se em *Anti-evasão* vemos sentimentos de aversão e desprezo sendo os protagonistas, em "Chuva em Cabo Verde", vemos sentimentos opostos tomarem conta dos escritos de Martins. O poema é uma verdadeira celebração à pátria mãe cabo-verdiana e ao que ele tem a oferecer. Vamos lê-lo na íntegra:

#### CHUVA EM CABO VERDE

Choveu

Festa na terra  
Festa nas Ilhas  
Soluçam os violinos choram os violões  
nos dedos rápidos dos tocadores  
<Dança morena  
dança mulata  
menininha sabe como vocês não tem>  
E elas sabinhas  
dão co'as cadeiras  
dão co'as cadeiras

Choveu

Festa na terra  
Festa nas Ilhas  
Já tem milho pa cachupa  
Já tem milho pa cuscus

Nas ruas nos terreiros  
por toda banda  
as mornas unem os pares  
nos bailes nacionais  
Mornas e sambas  
mornas e marchas

mornas mornadas

Choveu

Festa na terra  
 Festa nas Ilhas  
 que cantam e dançam  
 e riem e choram de contentamento  
 Soluçam os violinos choram os violões  
 nos dedos rápidos dos tocadores  
 <Dança morena  
 dança mulata  
 menininha sabe como vocês não tem>  
 E elas sabinhas  
 dão co'as cadeiras  
 dão co'as cadeiras (Martins, 2015, p. 44-45).

Cabo Verde é conhecido por ter um clima árido e semiárido, o que significa que as chuvas são geralmente escassas e irregulares. O país está localizado na região do Atlântico Norte, próximo à costa da África Ocidental, e enfrenta condições climáticas que resultam em padrões de precipitação variáveis ao longo do ano. As ilhas do sul de Cabo Verde geralmente recebem menos chuvas do que as do norte e podem enfrentar condições mais secas e áridas, o que cria desafios para a agricultura e o abastecimento de água no país, já que a água doce é um recurso precioso e limitado na região. Com estes grandes períodos de seca e estiagem, a agricultura, e consequentemente a vida da população, são afetadas negativamente de grande modo. Tendo em vista esse cenário, chover em Cabo Verde é algo etéreo, sublime, um evento aguardado com esperança por todos. Logo, esta é uma obra que em seu próprio título cria um ar de esperança e boas-vindas. A chuva é retratada como uma bênção que traz alegria e renovação para a terra e para as ilhas do arquipélago.

A primeira estrofe destaca a chuva como um evento festivo e alegre, algo que está em consonância com a simbologia incorporada por esse fenômeno da natureza, definido como “símbolo das influências celestes recebidas pela terra” (Chevalier; Gheerbrant, 2019, p. 235). A menção à "Festa na terra" e "Festa nas Ilhas" indica que a chuva é celebrada amplamente em todo o arquipélago, criando um ambiente próspero de lugaridade, transformando essa terra em seu lugar no mundo. Sobre o lugar, Tuan conceitua:

Espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locais do espaço. As ideias de espaço

e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar, estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (Tuan, 2013, p. 14).

Nesta acepção, podemos notar que enquanto espaço denota um ambiente desprovido de significado emocional, o lugar implica uma impressão espacial na qual a pessoa desfruta de aconchego, segurança e comodidade, tal como o eu lírico do poema se sente ao presenciar a chuva em sua tão amada terra natal.

A imagem dos instrumentos musicais (violinos e violões), soluçando e chorando nos dedos rápidos dos tocadores, sugere que a música está intrinsecamente ligada às emoções humanas e à celebração, uma vez que a música pode ser vista como presentes “dos deuses que embalam magicamente os vivos” (Chevalier; Gheerbrant, 2019, p. 627), ratificando a ideia desse ambiente, quando chuvoso, se aproximar de um lugar divino, mágico, sublime.

Ao seguirmos a leitura do poema, na segunda estrofe a chuva é associada a resultados práticos, como a abundância de alimentos. “Já tem milho pa cachupa / Já tem milho pa cuscus”, indicando fartura, já que a chuva permitiu o crescimento das colheitas, essenciais para os pratos tradicionais do país. A referência às “ruas nos terreiros / por toda banda” reitera que a alegria da chuva se espalha por toda parte, e a união através das “mornas” nos bailes nacionais representa a comunidade se unindo para celebrar esse momento tão frutífero e especial.

A repetição dos versos “Soluçam os violinos choram os violões / nos dedos rápidos dos tocadores” enfatiza a ligação entre música e emoção. A referência à dança e à diversão, incluindo a sugestão de uma dança mais livre (“Dança morena / dança mulata / menininha sabe como vocês não tem”) reforça essa atmosfera festiva e feliz, dando cada vez mais indícios do crescimento do sentimento topofilico. A última estrofe repete a ideia de festa e celebração, enfatizando a alegria do povo de Cabo Verde, no qual a chuva é descrita como algo que faz as pessoas cantarem, dançarem, rirem e chorarem de contentamento, em um total momento de êxtase.

A topofilia, como já mencionado, se refere ao vínculo emocional e afetivo que as pessoas têm com um lugar específico. No poema, essa conexão emocional com Cabo Verde e sua paisagem é palpável. As imagens de festa, dança, música e celebração evocam um sentimento de pertencimento e amor pelo país. O autor

explora a topofilia de Cabo Verde ao descrever a reação das pessoas à chuva e como isso desencadeia uma celebração que envolve toda a comunidade. A maneira como a chuva é celebrada através de músicas tradicionais, danças e pratos locais destaca o valor cultural atribuído a esses elementos específicos de Cabo Verde. A topofilia é evidente na maneira como as pessoas reagem à chuva como um evento significativo e como ela está entrelaçada com sua identidade e forma de vida.

Em outros aspectos, o poema exibe uma forte sensação de lugaridade, pois apresenta aspectos culturais, sociais e geográficos únicos de Cabo Verde e como esse eu lírico se sente pertencente à comunidade ao ter contato e vivência com esses elementos. Os termos como "Ilhas," "milho pa cachupa," "ruas nos terreiros," "mornas," "sambas," "marchas" e "sabinhas" ressaltam elementos específicos da cultura e da paisagem cabo-verdiana que ajudam a compor a identidade desses indivíduos. A celebração da chuva não é apenas uma celebração genérica, mas uma celebração profundamente enraizada nas características distintivas de Cabo Verde. A maneira como os instrumentos musicais tradicionais como violinos e violões são mencionados, juntamente com os estilos de músicas contribui para a sensação de lugaridade ao retratar a cultura musical única da região.

Enfim, o poema oferece uma visão profunda da relação entre as pessoas de Cabo Verde e o ambiente natural, enfatizando a maneira como a chuva afeta a cultura, a identidade e as experiências emocionais das pessoas que vivem nesse arquipélago. A chuva, como evento climático, não é apenas uma ocorrência física, mas sim uma âncora para expressar as experiências humanas, a coesão social e a conexão com o lugar, além de definir muito da identidade e experiências dos que ali vivem. A chuva é retratada como um catalisador para várias formas de expressão cultural. A linguagem poética enfatiza que a chuva é mais do que uma simples mudança no clima; ela desencadeia uma série de reações culturais e emocionais. As festas, danças, músicas e comidas tradicionais que ocorrem após a chuva revelam a influência da natureza nas práticas cotidianas das pessoas. A topofilia, ou seja, o amor e o apego emocional a um lugar, é expressa na maneira como a chuva é celebrada e como a cultura local é enriquecida por essa ligação profunda entre as pessoas e o ambiente. Além disso, o poema também ressalta a resistência e a resiliência do povo de Cabo Verde diante de um ambiente frequentemente árido. A chuva é vista como uma bênção que traz

consigo a alegria, a renovação e a vitalidade, elementos essenciais para a sobrevivência e o bem-estar da comunidade.

Em outra perspectiva, o verso "Choveu" pode ser lido como uma referência à chuva enquanto uma força que está ausente por algum tempo e, quando finalmente ocorre, desencadeia uma celebração. Isso pode ser interpretado como uma alusão ao exílio, em que as chuvas são como "voltas para casa" para os cabo-verdianos, pois a chuva é uma parte essencial da vida que muitas vezes está ausente. As festas, danças e celebrações nas ilhas representam um retorno à sua "casa", refletindo a vontade de retornar. A chuva traz de volta a vida e o crescimento, permitindo que as pessoas celebrem e se conectem com seu lugar de origem de maneira profunda e significativa. Em essência, a relação entre exílio e o poema pode ser vista através da narrativa da chuva como uma força que sai e volta, simbolizando tanto a ausência quanto o retorno da vitalidade à terra e à cultura de Cabo Verde. A celebração subsequente da chuva reforça a importância emocional e cultural do lar e da identidade local, bem como a relação íntima entre o povo e o ambiente.

Neste ambiente de vitalidade e renovação, cada elemento, desde a música até a dança, da comida às emoções humanas, é enriquecido com profundo significado. A chuva, símbolo central, serve como um elemento unificador, ligando as pessoas à terra e entre si, enquanto a "Festa na terra" e a "Festa nas Ilhas" ressoam como uma resposta coletiva à escassez de chuva e ao ciclo da vida.

Em resumo, o poema "Chuva em Cabo Verde" captura a riqueza e a complexidade da experiência humana diante da chuva em Cabo Verde, ao celebrar a união da comunidade em torno de elementos culturais compartilhados, destacando a maneira como as expressões artísticas e as interações humanas estão profundamente entrelaçadas com a natureza para a formação da identidade local.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jorge Barbosa, uma figura proeminente da literatura cabo-verdiana, é conhecido por sua poesia que explora profundamente as complexidades culturais, históricas e sociais de Cabo Verde. Sua obra *Arquipélago* é um marco significativo nesse contexto, abordando temas como identidade, diáspora, conexão com a terra natal e a experiência humana em meio às adversidades, diáspora a qual refere-se à dispersão da população de Cabo Verde em várias partes do mundo devido à emigração em busca de oportunidades econômicas e melhores condições de vida. A diáspora é um tema crucial em muitas obras da literatura cabo-verdiana, pois reflete a experiência complexa de deslocamento, pertencimento e hibridismo cultural.

No livro *Arquipélago*, devido aos preceitos sociais estabelecidos na época, há uma grande valorização dessa partida, uma vez que a imigração era tida como um destino comum para os cabo-verdianos, visto que a terra se mostrava cada mais escassa. Nesta coleção de poemas, se destaca uma exploração profunda da identidade cabo-verdiana interpelada pela sua estreita relação com a diáspora e o exílio.

A palavra "arquipélago" em si denota a ideia de um conjunto de ilhas, refletindo a diversidade e a multiplicidade da experiência cabo-verdiana, tanto dentro do país quanto nas comunidades dispersas pelo mundo, tirar fruto dessa diáspora tão maciça. A obra reflete a busca de identidade dos cabo-verdianos fora de suas terras, ainda que apesar da partida necessária, o cabo-verdiano nunca se encontra plenamente fora do seu berço natal. Barbosa explora o sentimento de pertencimento à terra natal, destacando as lutas, as raízes e as tradições que ligam os cabo-verdianos a um passado coletivo, mostrando a importância do papel da memória coletiva ao criar uma narrativa. A experiência dos cabo-verdianos em terras estrangeiras é abordada por meio da poesia, revelando a luta contra o desenraizamento, a busca por oportunidades e o enfrentamento das adversidades culturais e sociais em diferentes contextos. Assim, a diáspora uma questão fundamental na obra.

Além da diáspora cabo-verdiana, observa-se a influência de outras diásporas que culminaram de se encontrar nas ilhas africanas, resultando em uma mistura rica de culturas. A poesia de Barbosa captura essa hibridez, mostrando como as influências de várias culturas se entrelaçam na identidade cabo-verdiana, criando esta

identidade híbrida, típica de exilados. Essa fusão se reflete na linguagem, na música, na culinária e nas tradições.

A linguagem de Barbosa é marcada por uma rica mescla de crioulo cabo-verdiano e português. Essa fusão linguística é um reflexo da complexidade da identidade cabo-verdiana e também da influência da diáspora. A expressão poética é carregada de simbolismo e metáforas, criando um espaço onde a história e as emoções se entrelaçam.

A natureza é uma presença constante na poesia de Barbosa. A relação com o ambiente e a terra é explorada como um ciclo de vida, onde as estações do ano e as condições climáticas se assemelham às vicissitudes da experiência humana. Em conclusão, a obra *Arquipélago* de Jorge Barbosa mergulha profundamente na rica tapeçaria cultural e histórica de Cabo Verde, explorando temas como identidade, diáspora e conexão com a terra. Os poemas capturam as complexidades da experiência cabo-verdiana, especialmente no contexto da diáspora, e revelam como esses elementos moldam a identidade, a língua e a expressão poética da nação. A obra é uma janela para a alma cabo-verdiana e uma contribuição literária significativa que ecoa até os dias atuais.

Os escritores do movimento Claridade frequentemente usavam uma linguagem mais acessível e direta, focando na descrição vívida das paisagens, das pessoas e das tradições do país. Seus poemas e prosas frequentemente exibiam uma sensibilidade lírica e uma conexão com a cultura popular. Os escritores antievasionistas, sobretudo Ovídio Martins, muitas vezes adotavam um estilo mais político e retórico. Martins, em oposição a Barbosa, utilizava uma linguagem mais crua e às vezes até confrontativa para transmitir suas mensagens de resistência e luta pela independência.

Embora Jorge Barbosa estivesse preocupado com a identidade e a cultura cabo-verdiana, seu foco principal não era necessariamente político. No entanto, a expressão cultural e literária foi uma forma de resistência cultural ao colonialismo. Martins, por sua vez, estava diretamente envolvido na luta política pela independência de Cabo Verde, sendo sua literatura uma extensão de seu ativismo político e uma ferramenta para mobilizar o povo cabo-verdiano contra o domínio colonial.

Enquanto Barbosa focava na expressão cultural e identidade cabo-verdiana em um contexto colonial, Ovídio se envolvia na luta política e usava a literatura como uma arma de conscientização e resistência contra a opressão imperialista portuguesa. As diferenças entre esses escritores refletem as mudanças significativas que ocorreram em Cabo Verde ao longo do tempo, passando da exploração da cultura para a busca pela independência e liberdade.

Nos poemas de Barbosa, ele se concentra em dar voz à identidade cultural e às experiências locais, retratando a realidade de ter que buscar melhores condições fora de Cabo Verde. Ao mesmo tempo, ele procura romper com a influência cultural e literária portuguesa, buscando afirmar a singularidade cabo-verdiana. Nesse contexto, as abordagens do exílio e da diáspora eram mais sutis e relacionadas à ideia de "exílio interno", causado pela desconexão cultural e pela busca de autenticidade. Barbosa sente um tipo de exílio interno dentro de sua própria terra, pois havia uma sensação de separação entre a cultura cabo-verdiana e a cultura imposta pela colonização portuguesa, de modo que expressava esse sentimento de exílio através da busca por uma voz literária autêntica e pela exploração das realidades locais e cotidianas, além da partida como uma tentativa para encontrar a si próprio. Embora a diáspora cabo-verdiana já estivesse ocorrendo nessa época, o foco principal de Barbosa não estava diretamente na experiência da diáspora. No entanto, frequentemente refletia sobre as questões de identidade e pertencimento que eram relevantes para as comunidades cabo-verdianas no exterior.

Já Martins emergira em um período posterior, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, quando Cabo Verde estava ativamente lutando pela independência de Portugal. Suas preocupações eram mais direcionadas à luta política e à conscientização do que aos aspectos culturais e identitários. Para ele, o exílio era uma realidade palpável, tanto que foi obrigado a deixar Cabo Verde devido à repressão política e ao desejo de contribuir para a luta de independência de locais fora do país. O exílio, nesse contexto, estava ligado a um afastamento físico de sua terra natal e às consequências políticas de sua oposição ao regime colonial. Segundo a visão de Martins, a diáspora estava mais diretamente ligada à experiência das comunidades cabo-verdianas no exterior. Tendo se valido da literatura para conscientizar e mobilizar essas comunidades em torno da luta pela independência, destacando as injustiças coloniais e incentivando o apoio à causa.

É muito interessante como muitos conceitos podem ser aplicados às obras dos dois autores, mas sempre de um modo muito singular, em que sentimentos muito parecidos conseguem ganhar uma roupagem diferenciada, em diálogo com seu contexto social. Ambos os autores contribuíram ricamente para a ascensão da literatura cabo-verdiana e sua liberdade criativa, sendo nomes magníficos no panteão da literatura de língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jorge. **Arquipélago**. Praia: Pedro Cardoso Livraria, 2017.

BAUMANN, Martin. **Conceptualizing diaspora**: The preservation of religious identity in foreign parts, exemplified by Hindu communities outside India. *Temenos* 31, 1995.  
BRAGA, Cláudio Roberto Vieira; GONÇALVES, Glaucia Renate. **Diáspora, espaço e literatura**: alguns caminhos teóricos. *Revista Trama*. Volume 10, Número 19, 2014.

BROUSSEAU, Guy. **Introdução ao Estudo das Situações Didáticas**: Conteúdos e Métodos de Ensino. São Paulo: Ática, 2007.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CABRAL, Luiz Otávio. **Bacia da Lagoa do Peri**: sobre as dimensões da paisagem e seu valor. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Departamento de Geociências, 1999.

CAPUTO, Simone. **A poesia em Cabo Verde**: um trajeto identitário. In: LUCCHESI, Marco (org). *Poesia Sempre*, v. 23. Rio de Janeiro: Biblioteca nacional, 2006.

\_\_\_\_\_. **Nhô Baltas e o Brasil: a proximidade de dois mundos irmãos**. In: *Latitudes: cahiers lusophones*, Paris: v. 30, 2007.

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Colaboração de André Barbault, [et al.]. 23ª ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio Ltda, 2019.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 2007.

CLIFFORD, James. Diasporas. In: **Diasporas Routes**: Travel and Translation in the late Twentieth Century. Cambridge: Mass & London; England: Harvard University Press, 1999.

COLLOT, Michel. **Pontos de vista sobre a percepção das paisagens**. *Boletim de Geografia Teórica*, v. 20, n. 39, pp. 21-32, 1990.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DEON, Robson; MENON, Maurício Cesar. UM DIÁLOGO POÉTICO ENTRE CABO VERDE E BRASIL: OVÍDIO MARTINS E MANUEL BANDEIRA. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 30, n. 1, 2018.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

ENTRIKIN, J. Nicholas. **O Humanismo Contemporâneo em Geografia**. Boletim Geografia Teorética, Rio Claro, v. 10, n. 19 pp. 5-30, 1980.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 2003.

FEITOSA, Marcia Manir Miguel; LIMA, Renata Ribeiro. A Paisagem Cultural em João Cabral de Melo Neto: as vivências do Capibaribe. **Linha D'Água**, 26(1), 50-66, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/52469>. Acesso em: 20 fev. 2022.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**: introdução geral - Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau. Amadora: Oficinas Gráficas da Livraria Bertrand, 1977.

FREITAS, Luís Oliveira. **Figuração da paisagem**: percepção da geograficidade em Vidas Secas e Os flagelados do vinte leste. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – PGLetras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

HALBAWCHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução por Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista**: sua trajetória 1950–1990. Londrina: Eduel, 2016.

HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA Jr. Eduardo; Holzer, WERTHER; OLIVEIRA, Lúvia de. (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Alberta, 1995.

\_\_\_\_\_. (Org. coord. e dir.). **Revista Claridade**. Praia: Instituto Caboverdeano do Livro, n. 2, v. 1, 1986.

LESTINGE, Sandra Regina. **Olhares de educadores ambientais para estudo do meio e pertencimento**. 2004. Dissertação (Doutorado em Recursos Florestais). Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba.

LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs.). **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010.

MARTINS, Ovídio. **Caminhada**. Lisboa: Lisboa MCMLXII, 2015.

MBEMBE, Achille. **Sair da Grande Noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Trad. Ribeiro, Fábio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

NOUSS, Alexis. **Pensar o exílio e a migração hoje**. Tradução de Ana Paula Coutinho. Porto: Afrontamento, ILCML-FLUP, 2016.

RICOEUR, Paul. **A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal**. Trad. Carlos João Correia. Arquipélago, n. 7, p. 177-194, 2000.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RONIGER, Luís. **Reflexões sobre o exílio como tema de investigação**: avanços teóricos e desafios. In: QUADRAT, Samantha Viz (org.). Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SARAMAGO, Lúcia. Como Ponta de Lança: o pensamento do lugar em Heidegger. In: MARANDOLA Jr. Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SILVA, Eduardo Gomes Macena. **A morna canta a caboverdianidade no conto Galo Cantou NaBaía, de Manuel Lopes e no Romance Hora Di Bai, De Manuel Ferreira**. Maceió -AL, 2017.

SANTOS, Elsa R. **As Máscaras poéticas de Jorge Barbosa e a mundividência cabo-verdiana**. Lisboa: Caminho, 1989.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. In: **Geographical Review**, v. 65, n. 2, p. 151-165, 1975.

\_\_\_\_\_. **Paisagens do medo**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad.: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VOLPE, Miriam L. **Geografias do exílio**. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.